



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO E TECNOLOGIAS
APLICADAS À EDUCAÇÃO – GESTEC
Área de concentração: Processos Tecnológicos e Redes Sociais

**O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS POR MEIO DOS
CURSOS NA ÁREA DO AUDIOVISUAL NO IFBA EM SANTO ANTÔNIO DE
JESUS/BA**

Pedro Arthur de Melo Nascimento

Salvador
2018

PEDRO ARTHUR DE MELO NASCIMENTO

**O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS POR MEIO DOS
CURSOS NA ÁREA DO AUDIOVISUAL NO IFBA EM SANTO ANTÔNIO DE
JESUS/BA**

Trabalho de conclusão final de curso sob o formato de dissertação como pré-requisito à obtenção do título de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação do Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), orientado pela Prof^a. Dr^a. Josemeire Machado Dias.

Área de Concentração: Processos Tecnológicos e Redes Sociais

SALVADOR - BA
2018

Dedico este trabalho a todos os amantes do cinema e do audiovisual, em especial aos professores que acreditam que por meio dessas áreas podemos fortalecer o processo educativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por me conceder mais uma conquista abençoada;

À minha avó, **Mãe de Roça**, por ter me ensinado o significado das palavras amor e ternura sem precisar citá-las. Também foi com ela que eu aprendi que educação não se aprende apenas na academia, mas também com as experiências de vida;

Aos meus pais, **Nita e Pedro**, que nunca desistiram de mim. Devo a eles a educação exemplar e o amor incondicional que eu recebi desde o primeiro dia que eu cheguei a este difícil mundo;

Ao meu irmão, **Guilherme**, que não é só um irmão, mas também um grande amigo;

Aos **meus alunos do curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem**, em especial aqueles que tiveram mais próximo da execução deste trabalho. Eu sempre tive medo de nessa vida não produzir nada de significativo, mas hoje me sinto feliz e realizado por ter contribuído para realização desse curso, que mexe com meu coração toda vez que eu entro na sala e conheço uma nova turma de sonhadores. Vocês são incríveis e são os protagonistas dessa pesquisa!

À minha orientadora **Josemeire Machado Dias**, cuja empatia eu senti desde a primeira vez que a conheci. Seu jeito doce e ao mesmo tempo firme é uma fonte de inspiração para qualquer pesquisador. Muito obrigado!

Aos professores **José Antônio Carneiro Leão e Jorge Costa Leite Júnior**, pelas importantes contribuições na banca de qualificação;

À minha chefe, orientadora e mestre **Edna Matos**. Aprendo com ela todos os dias! Um exemplo de mulher determinada, que luta incansavelmente para transformar o mundo através da educação. A primeira vez que minha mãe a viu, pediu a ela para cuidar de mim...fiquei à época com vergonha, mas hoje eu sei que, lá no fundo, ela cumpre essa missão. Muito obrigado!

Aos meus amigos e colegas de trabalho, em especial **Andrea Barreto, Julyana Mota, George Pacheco**, que me acompanharam e torceram por mim durante essa trajetória;

Aos meus colegas do audiovisual **Ivan Márcio e Jean Neri**, pela parceria, compromisso e profissionalismo para tocar um projeto tão bonito no IFBA SAJ;

À minha tia **Ana Cristina e a minha prima Carol** que me acolheram com muito carinho durante minha estadia em Salvador nos dias de aula;

Aos meus colegas do “**Quintas Animadas**”, que fizeram os meus dias de estudos mais divertidos com as risadas e brincadeiras no grupo mais divertido do whatsapp;

Às minhas semideusas, **Carol, Tércia e Ketchen**, pelas risadas, companheirismo, torcida e apoio durante os 2 anos de mestrado;

Ao **IFBA, em especial o campus de Santo Antônio de Jesus**, que é o lócus de pesquisa deste trabalho e é um lugar que já nasceu fazendo história!

À **UNEB**, que ratificou diariamente meu sentimento de pertencimento ao ensino público de qualidade;

A todos os professores do **GESTEC**, que se doam de forma verdadeira à profissão e nos ensinam a ser profissionais humanos e éticos;

A todos os meus colegas do grupo de pesquisa do **GEOTEC**, especialmente do K-LAB, pelos encontros, dicas e trocas de conhecimento. Vocês são sensacionais!

Você tem que ter um sonho, assim você pode se levantar de manhã.

Billy Wilder

RESUMO

Este trabalho nasce por meio do projeto de extensão Tecendo Histórias, do IFBA, *campus* de Santo Antônio de Jesus, que iniciou em 2015 com o objetivo de produzir uma revista sobre memórias da cidade. Posteriormente, este projeto foi ampliado para o audiovisual com o curso de “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, cuja proposta prevê, ao final do curso, a realização de curtas metragens do gênero documentário sobre histórias e identidades do município. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é apresentar as experiências dos alunos participantes deste curso, questionando como as produções audiovisuais produzidas por eles fortaleceram às relações identitárias com a cidade de Santo Antônio de Jesus. Para isso, foram estudados, principalmente, conceitos como identidade e processos identitários, nas visões de Hall (2003), Bauman (2005) e Bhabha (1998); Educomunicação, com base na educação com a mídia proposta por Soares (2012) e documentário, com sustentação em Nichols (2014). Os pressupostos metodológicos desse estudo fundamentam-se na Pesquisa Qualitativa, com base na Pesquisa Participante, por considerar uma relação colaborativa entre os sujeitos participantes e o pesquisador deste projeto, conforme os estudos de Brandão (1981). Este projeto faz parte do grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, especificamente no K-LAB, que é um Laboratório Educacional destinado à construção e qualificação de processos formativos e educacionais, por meio da elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, práticas e processos tecnológicos. A realização em equipe de um curta-documentário, como resultado desta pesquisa, intitulado “IdentDOC: tecendo nossas histórias”, sobre a importância da valorização das identidades em Santo Antônio de Jesus através do vídeo, tem a intenção de estimular o uso e a produção audiovisual em outros ambientes escolares a fim de possibilitar a relação de pertencimento entre a escola e a comunidade.

Palavras-Chaves: Audiovisual. Educomunicação. Documentário. Relações Identitárias. Santo Antônio de Jesus.

ABSTRACT

This dissertation was developed through the project "Tecendo Histórias" (Weaving Stories), at the IFBA's campus in Santo Antônio de Jesus, which started in 2015 aiming to produce a magazine about memories of the city. Subsequently, this project has been expanded to audiovisual means through the course "Production of Screenplay and Video for Short Film", whose proposal objectifies, at the end of the course, the making of a documentary about stories and identities of the municipality. In this sense, the objective of this work is to document the experiences of students who participated in this course, questioning how their audiovisual productions strengthened the identity relations with the city of Santo Antônio de Jesus. For this, concepts such as identity and identity processes in the perceptions of Hall (2003), Bauman (2005) and Bhabha (1998); as well as edu-communication, based on media education, proposed by Soares (2012) and documentary conception by Nichols (2014) were used. The methodological assumptions of this study are based on the qualitative research and participant observation methodologies, once they reckon the collaborative relationship between the participants involved and the researcher, according to the studies of Brandão (1981). This project is part of the research Geotechnologies, Education and Contemporaneity - GEOTEC, specifically in K-LAB, which is an Educational Laboratory, which aims at constructing and qualifying educational and training processes through elaboration, use and resizing of techniques, practices and technological developments processes. The team realization of a short documentary titled "IdentDOC: Weaving our Stories" on the importance of valuing identities in Santo Antônio de Jesus through video is intended to stimulate the use and production of audiovisual works in other school environments in order to enable the belonging relations in the school and in the community.

Keywords: Audiovisual. Edu-communication. Documentary. Identity Relations. Santo Antônio de Jesus.

Lista de Figuras

Figura 1 - Capa da primeira revista Tecendo Histórias	15
Figura 2 - Trecho do primeiro curta realizado, "Ativismo e Resistência", sobre o grafite em Santo Antônio de Jesus	16
Figura 3 - Estrutura atual do GEOTEC	18
Figura 4 - Passo para produção de um vídeo.....	31
Figura 5 - Esquema do que é um documentário	35
Figura 6 - O IFBA em Santo Antônio de Jesus.....	39
Figura 7- Distância entre Santo Antônio de Jesus e Salvador.....	40
Figura 8 - A primeira turma do curso de "Produção de Roteiro e Vídeo" no IFBA	42
Figura 9 - Aula prática de filmagem com os alunos do curso de "Produção de Roteiro e Vídeo"	43
Figura 10 - Palestra com o cineasta Tau Tourinho para a turma de Produção de Roteiro e Vídeo	43
Figura 11 - O aluno Isaac, formando da segunda turma, mostra o curta da sua equipe e debate com a terceira turma.....	44
Figura 12 - Os alunos entrevistando participantes da FLICA.....	45
Figura 13 - Trecho do curta "Passageiros - a estrada da saudade"	47
Figura 14 - Canal do IFBA SAJ no Youtube com os curtas-documentários dos alunos	47
Figura 15 e Figura 16 – Alunos e representantes do candomblé do curta "Tambores de SAJ" no IFBA para debater com o público no dia da exibição... ..	48
Figura 17 - Cartaz de divulgação da exibição dos filmes dos alunos na Praça	49
Figura 18 - Exibição dos curtas dos alunos no quiosque Renato Machado na Praça Padre Mateus.....	49
Figura 19 - Direção, professores e os alunos que produziram os curtas na Praça Padre Mateus.....	50
Figura 20 e Figura 21 - Cine Clube no Lar dos Idosos apresentando curtas produzidos por alunos do IFBA	51
Figura 22 - Primeira reunião para discussão da proposta de realização do curta documentário.....	53
Figura 23 e Figura 24 - Os estudantes Vinícius e Elizabete esboçando ideias para o roteiro	55
Figura 25 - Os ex-alunos Jefferson e Denilson gravando imagens do IFBA com o drone.....	56
Figura 26 e Figura 27 - Gravação de entrevista no quiosque e no Hall do IFBA	57
Figura 28 - Gravação de entrevista com o babalorixá Nilton de Ossain num terreiro de Santo Antônio de Jesus.....	58
Figura 29 - Parte da equipe responsável pelas gravações reunida	59
Figura 30 e Figura 31 - Os ex-alunos Jorge, Vagner e Leonardo editando o curta	61
Figura 32 - Logo do IdentDoc: tecendo nossas histórias.....	62

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Matriz Curricular do curso de Produção de Roteiro e Vídeo	41
Tabela 2 - Funções dos sujeitos participantes da pesquisa	52

Lista de Siglas

FLICA Festa Literária Internacional de Cachoeira

IFBA Instituto Federal da Bahia

GEOTEC Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade

GESTEC Programa de Pós-Graduação Gestão em Tecnologias Aplicadas à Educação

K-LAB Laboratório Educacional destinado à construção e qualificação de processos formativos e educacionais

TIC Tecnologia da Informação e Comunicação

SAJ Santo Antônio de Jesus

UFRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNEB Universidade do Estado da Bahia

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. Introdução	13
1.1 Contextualização e justificativa.....	13
1.2 Objetivos	21
1.3 Estruturação do trabalho	22
2. O contexto das Relações Identitárias	24
3. Educomunicação: uma proposta de valorização do educando como sujeito crítico e autoral	28
4. A produção de vídeo como potencializador do processo educacional	31
5. O documentário como proposta para trabalhar a produção de vídeo na educação	34
6. METODOLOGIA	39
6.1 Lócus de Pesquisa	39
6.2 Percorso Metodológico	40
6.2.1 O Tecendo Histórias e o curso de “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”	40
7. IdentDOC: tecendo nossas histórias – o processo de construção de um curta-documentário colaborativo	52
8. Considerações Finais	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	70
APÊNDICE A – Escaleta do Roteiro	70
APÊNDICE B – Roteiro Final.....	72
ANEXO – Parecer de aprovação do comitê de ética	78

1. Introdução

1.1 Contextualização e justificativa

A princípio esse trabalho nasce a partir de algumas experiências vividas ao longo dos últimos três anos, compreendidos entre 2015 e 2018, período em que me dediquei como professor nos cursos de extensão no campo do audiovisual, no Instituto Federal da Bahia. Em 2015, ingressei nesta instituição como técnico-administrativo no cargo de Analista de Tecnologia da Informação em Santo Antônio de Jesus, mas este *campus* estava em processo de implantação e ainda não havia atividades para o meu setor. A preocupação principal da gestão do instituto, dentre outros aspectos de infraestrutura, foram as seguintes indagações: como conhecer e dialogar com a comunidade onde o IFBA estava inserido? como desenvolver uma relação de pertencimento com os futuros alunos?

Diante desses questionamentos, foi criado o projeto de extensão "Tecendo Histórias", desenvolvido com o propósito de conhecer, registrar, valorizar e divulgar a cultura e a identidade de Santo Antônio de Jesus, por meio da construção de uma revista contendo textos escritos pelos alunos sobre as memórias da cidade. Um dos objetivos principais deste projeto - além de contribuir com o desenvolvimento educacional dos sujeitos participantes - era propiciar a interação do IFBA com o município, possibilitando que o instituto conhecesse e se tornasse conhecido pela comunidade.

Como eu era recém-chegado na cidade – sou natural de Ilhéus, Ba e mudei-me para Santo Antônio de Jesus por conta do concurso do IFBA, a participação neste projeto também era uma forma de possibilitar a criação de raízes neste novo espaço. Pude perceber, até então, que as informações que eu já tinha sobre o município, por conta de pesquisas prévias na Internet e outras mídias, não simbolizavam a realidade.

Por exemplo, os slogans os quais divulgam: “a cidade do comércio mais barato da Bahia” e “o melhor São João da Bahia”, apesar de ambos realmente terem forte influência econômica e cultural no município, eram motivo de incômodo para muitos moradores, por considerarem que são formas comerciais

e políticas para atrair consumidores de fora e não refletem, da melhor forma, a identidade local

A partir dessa inquietude, neste projeto observei como as histórias poderiam potencializar a valorização de identidades e a autonomia dos estudantes no processo de compreensão e interpretação do espaço. Uma das alunas participantes, Girlana Andrade, em seu texto sobre a feira livre de Santo Antônio de Jesus, refletiu:

Já imaginou o que podemos construir com uma lembrança? Pode ser uma grande história que podemos chamar de filme imaginário, que nos dá a impressão de viver de novo um tempo bom. Muitas pessoas acham que a história só pode ser contada por grandes historiadores. Isto é um grande engano! A história pode ser contada por mim, por você ou qualquer pessoa que viveu experiências. (ANDRADE, G. Tecendo Histórias. 2015)

Este trecho mexeu profundamente comigo, pois me questioneei, à época, como uma jovem de apenas 16 anos poderia contar uma história que me passasse mais verdade do que aquelas contadas por pessoas com mais experiência e formação. E, mais ainda, como ela estava segura de si para transpor a sua visão daquela história, que, mais do que o processo de construção jornalística, transcorria nas palavras a vontade e o orgulho de mostrar o espaço no qual ela faz parte.

Ainda no “Tecendo Histórias”, tive uma pequena participação como colaborador de alguns alunos no processo de registro fotográfico das imagens que iriam ilustrar a revista. Nessa experiência, eu pude conhecer um pouco mais sobre a cidade e perceber a sua riqueza cultural e histórica e, principalmente, conhecê-la através dos olhares dos próprios moradores, o que caracterizava a essência do projeto no IFBA.

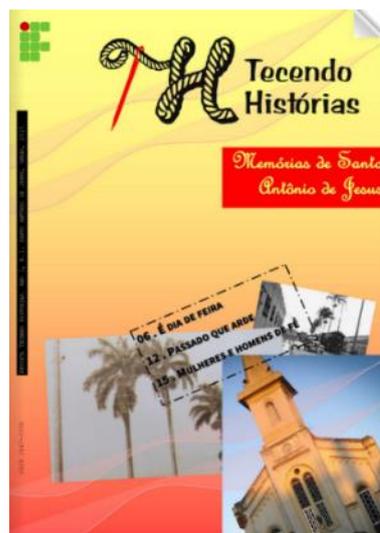


Figura 1 - Capa da primeira revista Tecendo Histórias
Fonte: Revista Tecendo Histórias

Com o êxito do lançamento da primeira revista do “Tecendo Histórias” e por pessoalmente gostar de cinema e ter feito alguns cursos e trabalhos na área, propus à direção do instituto ampliar este projeto para o audiovisual. Desenvolvi, então, o projeto pedagógico do curso de extensão “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, cuja proposta é orientar os alunos sobre a teoria e a prática da linguagem cinematográfica para que eles possam produzir, ao final do curso, curtas-metragens do gênero documentário sobre as memórias de Santo Antônio de Jesus.

Neste projeto de vídeo, encontrei inicialmente algumas dificuldades, pois a minha formação específica não é na área de cinema. Apesar de desde criança ser um espectador assíduo de produções cinematográficas e ter feito alguns cursos na área, a minha formação é em ciência da computação. Sendo assim, tive receio de não fazer um bom trabalho como professor por não ser exatamente do ramo. No entanto, encontrei em Paulo Freire (2000) um estímulo quando ele aborda em um clássico trecho extraído da obra *Pedagogia da Autonomia*, que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Assim, pensando nas possibilidades da construção do curso, com o apoio da diretora do IFBA SAJ, Edna Matos, montamos uma equipe que pudesse colaborar comigo nessa missão. Convidamos um professor da área de cinema e audiovisual da UFRB, Ivan Márcio, que aceitou trabalhar voluntariamente; e a professora de língua portuguesa do instituto, Andrea Barreto, concordou lecionar

na parte de história e pesquisa. O primeiro aluno da turma, Jean Neri, após destacar-se na área de pós-produção, passou a ser monitor na área de edição de vídeo. Os múltiplos talentos na equipe possibilitaram o desenvolvimento do projeto.

Como resultado desse curso, que já formou até o momento quatro turmas, foram produzidos treze curtas-metragens que versaram sobre diversos temas relacionados às memórias e identidades de Santo Antônio de Jesus e região, como o grafite e o hip hop, a feira livre, as casas de farinha, a capoeira e o candomblé.



Figura 2 - Trecho do primeiro curta realizado, “Ativismo e Resistência”, sobre o grafite em Santo Antônio de Jesus
Fonte: Canal do IFBA SAJ no Youtube¹

Um dos primeiros curtas produzidos, “Elementos em movimento: ativismo e resistência”, representado na Figura 2, que versou sobre o movimento de hip hop e grafite em Santo Antônio de Jesus, possibilitou a divulgação do trabalho do grupo *SAJSystem*, composto por jovens, artistas, mobilizadores e coletivos artísticos que buscam através da sua produção artística local o apoio, o incentivo e o respeito do poder público e privado na cidade. Através do documentário produzido, eles puderam ampliar o trabalho realizado, exibindo-o em escolas, praças públicas e centro cultural, possibilitando, inclusive, a desmistificação de conceitos dentro da própria equipe. A aluna Fabiane de Jesus, que participou da produção, após a primeira exibição para o público no IFBA, disse: “sou evangélica e não conhecia o movimento *SAJSystem*, achava que era coisa de marginal, hoje entendo e respeito”.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oyhiKr0vB6w>> Acesso em: 25 mar. 2018.

Outro curta de notoriedade foi o “Nossa Farinha, Nossa Herança”, cujos alunos retrataram a importância das casas de farinhas artesanais para a cultura e a economia e o término de alguns desses estabelecimentos, o que tem acarretado o fim de algumas tradições. Neste trabalho, eles mostraram, além do processo de produção da farinha, as memórias da própria família que trabalham com esse setor, documentando histórias e momentos saudosos sobre o trabalho em equipe. Após a conclusão, os alunos convidaram a comunidade e família para assistirem o resultado. A comunicação do IFBA registrou esse momento ², em que o aluno Vagner Rodrigues revelou:

Esse momento foi gratificante para nossa equipe porque conseguimos resgatar a lembrança de como as casas de farinha eram um lugar prazeroso, onde havia harmonia e união em todo processo. Foi ótimo ter a presença de cada um, e especialmente, da nossa avó, Regina da Silva, que foi a nossa principal inspiração. (RODRIGUES, V., 2017)

A partir do resultado dessas produções, surgiu o seguinte questionamento: como o curso na área de audiovisual do IFBA contribuiu para conhecer a comunidade de Santo Antônio de Jesus? Para buscar essa resposta, procuramos entender como as produções audiovisuais produzidas pelos alunos fortaleceram nas relações identitárias dos sujeitos envolvidos no projeto com a cidade de Santo Antônio de Jesus.

O objetivo dessa proposta justifica-se dado a amplitude que as produções audiovisuais têm alcançado nos cursos de extensão do IFBA e como elas têm repercutido na comunidade, o que solidifica a proposta extensionista do Instituto Federal da Bahia.

Entende-se por extensão toda e qualquer atividade educacional, científica, cultural e esportiva que, articulada com o ensino e com a pesquisa, leve o IFBA a interagir com a sociedade por intermédio dos seus corpos docente, técnico e discente. Sendo compreendida como um espaço em que as instituições promovem a articulação entre a instituição acadêmica e a sociedade (PPI IFBA, 2013).

² Disponível em: <<http://portal.ifba.edu.br/santoantonio/noticias-2/moradores-de-varzedo-assistem-a-documentario-produzido-por-alunos-do-ifba-sobre-casas-de-farinhas>> Acesso em: 20 mar. 2018.

Como produto dessa pesquisa, elaborou-se o “IdentDOC: tecendo nossas histórias”, um curta-documentário com os alunos envolvidos nas produções audiovisuais já realizadas, documentando como as suas produções contribuíram para a relação identitária com o município. Para isso, direção, coordenadores, professores, estudantes, ex-alunos e colaboradores foram engajados no processo de construção colaborativa de um vídeo metalinguístico, mostrando através de um documentário a importância deste processo.

A motivação para esse trabalho partiu, também, do meu ingresso como aluno regular em 2017 no mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação na UNEB, sobretudo no grupo de pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, especificamente no K-LAB, que é um Laboratório Educacional destinado à construção e qualificação de processos formativos e educacionais, por meio da elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, práticas e processos tecnológicos.

No K-LAB tive contato com projetos que dão relevância à utilização de processos geotecnológicos e entendimento das dinâmicas socioespaciais para potencialização de processos formativos em espaços escolares. Neste grupo, observei a importância de valorizar o espaço no qual a escola está inserida, trabalhando com ações coletivas entre pesquisadores, professores, alunos e gestores para o crescimento e amadurecimento da relação entre a escola e a comunidade.

A figura 3 apresenta a estrutura do GEOTEC, atualmente composto por três grandes projetos articuladores, com destaque para o K-Lab, no qual esta pesquisa se insere.

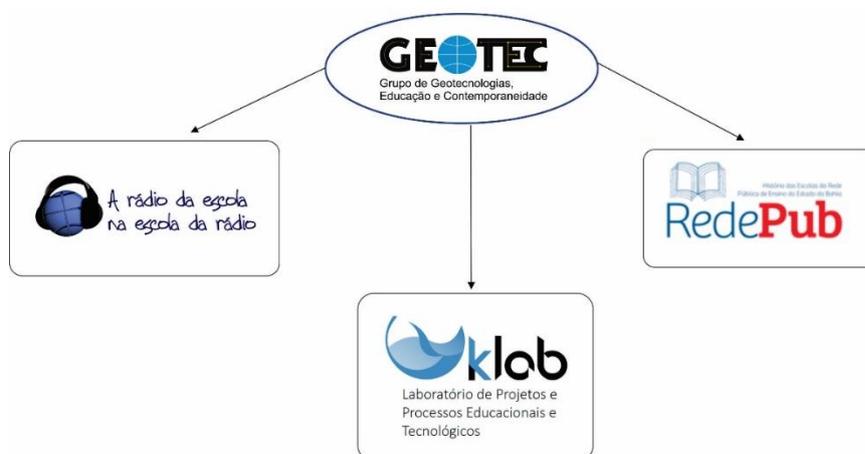


Figura 3 - Estrutura atual do GEOTEC
Fonte: Repositório Digital do K-LAB

Ao trabalhar com o audiovisual no K-Lab, área até então embrionária no grupo, juntamente com outros pesquisadores sentimos a necessidade de criar um eixo para discutir a atuação deste ramo, assim como outras vertentes visuais como a ilustração e o HQ. Criou-se, então, o **“K-MÍDIA: Grupo cooperativo de Audiovisual, Ilustração e HQ”**, cujo objetivo geral é “ampliar a discussão sobre a produção, publicação e uso de conteúdo multimidiático educacional buscando estimular sempre o senso de pertencimento, o pensamento crítico, o autorismo e a produção coletiva”.³ Apesar da recente criação desse eixo, ele foi importante para a socialização e discussão sobre os aspectos teóricos e práticos das pesquisas educacionais realizadas na área, em que possibilitou também a articulação do grupo em atividades em escolas públicas.

Ainda no grupo de pesquisa, conheci o trabalho de Jordan Santos Mendes, intitulado “Casulo: uma experiência vídeo documentada com alunos da rede pública de ensino do estado da Bahia”, no qual ele registrou em formato de documentário a memória e os sentimentos das experiências de um grupo de alunos da Rede Pública de Salvador que realizaram pesquisas científicas dentro do projeto “A rádio da escola na escola da rádio”. O projeto de Jordan proporcionou um norteamento para a execução do meu trabalho, em que apresento como um dos diferenciais realizar um curta-documentário ao invés de um longa (o filme “Casulo” possui 54 minutos de duração), tendo em vista a preocupação com o ritmo narrativo e o tempo necessário para prender a atenção dos espectadores neste tempo do acesso rápido às novas mídias.

As experiências tanto nas reuniões do grupo de pesquisa quanto no fórum de pesquisa na UNEB, ocorridas intercaladamente às quartas-feiras, foram muito valiosos para o desenvolvimento desta pesquisa, pois contribuíram, principalmente, para visualizar a importância do trabalho em equipe para realização de qualquer projeto. As especificidades de cada pesquisador, que trabalha e atua em diferentes áreas, são fundamentais para entender que toda contribuição é válida e enriquecedora para que as ideias aconteçam e que elas vão além de uma visão segmentada. Ao longo do percurso, recebi orientações de pesquisadores que contribuíram de alguma forma para dar vida a esta pesquisa.

³ K-Mídia. Disponível em: <https://klab.com.br/?page_id=1649>. Acesso em: 12.nov.2018

Durante a qualificação deste trabalho, também recebi uma grande contribuição através de uma indicação do Prof^o. José Antônio Carneiro Leão, a sugestão de leitura da dissertação de Cristiane Oliveira Britto: “A Comunidade Escolar e a Produção de Narrativas Audiovisuais: Análise, Uso, Criação e Produção em Oficinas Formativas”, sob a orientação da Prof^a Isa Maria Faria Trigo. Nesta pesquisa, encontrei uma referência importante para observar outros casos do protagonismo estudantil no processo audiovisual, principalmente como ferramenta para autoria, conceito este que a autora classifica como: “no rumo da autonomia e do descobrimento ou desvelamento de si e do seu ambiente como fator emancipatório” BRITTO (2017, p.17).

Sendo assim, por meio dessa pesquisa, espera-se também discutir certos paradigmas acerca do modo de se atuar e de se pensar as mídias, estimulando a criação coletiva e a produção de conhecimentos que expressem o pertencimento de cada sujeito – alunos e professores – a uma realidade local e global, conectada, plural e cheia de particularidades – culturais, ambientais, políticas. A educomunicação, que parte do princípio da criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos nas escolas (SOARES, 2004), aponta ser um caminho interessante para a prática educativa no qual o sujeito tem autonomia no processo criativo.

É imprescindível que a escola reflita como os sujeitos enxergam o contexto social, cultural e político em que estão inseridos, para possibilitar uma troca de conhecimento e uma presença atuante, colaborativa e até mesmo verdadeira dentro deste espaço. Nesse sentido, a produção audiovisual possibilita o estreitamento desse laço, pois, conforme ressalta Moletta (2009, p.9) “o audiovisual corresponde à principal linguagem para informar e comunicar, e também a mais adequada para nossa expressão e reflexão”.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral:

Apresentar as experiências vivenciadas com as produções audiovisuais dos alunos do curso de extensão “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, do IFBA, e como elas fortaleceram na relação identitária com a cidade de Santo Antônio de Jesus, a fim de estimular o uso e a produção audiovisual em outros ambientes escolares.

Objetivos Específicos:

- a) Argumentar sobre educomunicação, considerando o audiovisual para o processo das relações identitárias;
- b) Discorrer sobre a produção de vídeo, especialmente o gênero documentário, bem como as especificidades da sua produção desde a concepção do roteiro até a pós-produção;
- c) Produzir coletivamente um curta-documentário com os alunos, os ex-alunos e os sujeitos envolvidos no curso de extensão “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, mostrando as suas experiências no projeto e como elas fortaleceram a relação de identidade com Santo Antônio de Jesus.

1.3 Estruturação do trabalho

As informações vistas até então neste trabalho compõem o capítulo 1, a introdução, que fornece o direcionamento referente à contextualização, à justificativa e aos objetivos desta pesquisa.

No capítulo 2, intitulado “**O contexto das Relações Identitárias**” é apresentado o que é identidade e as relações com os sujeitos e os espaços, nas visões dos autores Hall (2003), Bhabha (2005) e Bauman (1998), tendo como referência principal e didática para o norteamento dessa pesquisa o conceito de processos identitários apresentado por Hall.

O capítulo 3, “**Educomunicação: uma proposta de valorização do educando como sujeito crítico e autoral**”, apresenta-se o conceito de Educomunicação proposto principalmente por Soares (2012), que mostra a possibilidade de trabalhar a educação para a mídia no contexto de um ecossistema educativo. Neste, o aluno com o apoio de um educador, pode não ser apenas um receptor e ou usuário das ferramentas de comunicação, mas também autor de conteúdo midiático.

O capítulo 4, “**A produção de vídeo como potencializador do processo educacional**”, reforça os estudos sobre a educação para as mídias nas visões de Barbosa (1981), Setton (2004) e Pires (2010) com a utilização do vídeo como recurso para produção de conteúdo, apresentando de forma geral como ele é constituído e como as suas etapas proporcionam o trabalho coletivo, de forma que o aluno possa desenvolver seu lado crítico e criativo.

O capítulo 5, “**O documentário como proposta para trabalhar a produção de vídeo na educação**”, refina a proposta para o uso do vídeo na educação com o gênero documentário, expondo o conceito conforme estudos em Nichols (2014) e Moran (2007) e como este recurso pode mostrar, divulgar e promover a discussão da sociedade, sobretudo do próprio espaço que o educando convive e conhece.

O capítulo 6 desenvolve-se a **metodologia**, subdividido nas informações do lócus de pesquisa do projeto, realizado no IFBA – campus Santo Antônio de Jesus, em seguida apresenta-se o percurso com o audiovisual neste espaço, com o início do projeto Tecendo Histórias e as experiências no curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem. O caminho percorrido

baseou-se na Pesquisa Participante, com sustentação nos estudos de Brandão (1981).

O capítulo 7, “**IdentDOC: tecendo nossas histórias – o processo de construção de um curta-documentário colaborativo**”, mostra o resultado desta pesquisa com a realização de um curta-documentário colaborativo com ex-alunos, professores e colaboradores do projeto, com informações, fotos e relatos deste processo.

Por fim, o capítulo 8 “**Considerações Finais**” sintetiza o trabalho realizado e apresenta as contribuições desta pesquisa para o IFBA, para a comunidade de Santo Antônio de Jesus e para o grupo de pesquisa GEOTEC, bem como mostra as perspectivas futuras para o curta “IdentDoc: tecendo nossas histórias”.

2. O contexto das Relações Identitárias

Assim que nascemos, o nosso primeiro registro é a certidão de nascimento, documento que fica a cargo de um cartório de registro civil e nele contém informações importantes como nome, nome dos pais, data de nascimento, sexo e naturalidade. Sem este papel, o cidadão não pode ter acesso à educação, à saúde e aos programas sociais. Ou seja, é como se o indivíduo não existisse. A partir dele, também criamos a cédula de identidade. Este documento contém as mesmas informações da certidão de nascimento, adicionando uma foto, uma impressão digital e uma assinatura. Ali estão registradas informações que nos diferenciam um dos outros, por isso é único e intransferível. Este documento é também conhecido como RG (registro geral) e, como o próprio nome sugere, nele constam informações de uma forma universal. Contudo, mais do que um registro, a nossa identidade possui especificidades e passa por transformações que envolvem outras identidades e outras relações. Ou seja, o conceito de identidade, neste contexto, vai além de um registro único.

Afinal, então, a partir de que momento formamos a nossa identidade? Ela é estática ou volátil? Quem somos nós no mundo moderno? Como são formadas as nossas relações identitárias com a sociedade, com as pessoas? Estamos caminhando para uma identidade comum e global com as tecnologias da informação? Esses questionamentos soam filosóficos e antes do século XX, segundo Bauman (2005, p. 22-23), nessa perspectiva que eram tratados. Contudo, falar sobre identidade, hoje, tornou-se um tema bastante difundido e até mesmo complexo. Por isso, é salutar entender o conceito da palavra sob diversos contextos e perspectivas e, para isso, discutiremos brevemente a partir de autores como Hall, Bauman e Bhabha.

Stuart Hall foi um importante sociólogo jamaicano com pesquisas reconhecidas na área de estudos culturais. A partir do contexto da migração caribenha para a Grã-Bretanha, que caracterizou a diáspora afro-caribenha no pós-guerra, ele enfatiza através da obra “Da diáspora — identidades e mediações culturais”, o contexto de identidade a partir da dispersão dos povos, característica que leva o indivíduo a não ter mais uma origem única, mas diversa e transformadora. Para ele, “a distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial,

de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (HALL, 2003, p. 31). Nessa ótica, a identidade se forma através de uma mistura cultural híbrida e com múltiplas raízes “(...) uma mistura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2003, p.16).

Ainda segundo Hall, agora na obra “A identidade cultural na pós – modernidade”, a descentralização do homem moderno aliado aos conflitos entre o fortalecimento das origens e a homogeneização cultural imposta pelas classes dominantes, provoca a “crise de identidade”. Para ele, o conceito de identidade é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na sociedade social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL,2003, p.8). A fim de exemplificar essa afirmação, o autor apresenta 3 concepções de identidade, são elas:

a) Sujeito do iluminismo: marcado pelo “eu”, o sujeito era o centro da sua identidade, unificado, pois acreditava-se que ele já nascia com as suas características identitárias e permaneciam as mesmas ao longo de toda a vida.

b) Sujeito sociológico: caracterizado por já considerar a relação entre o eu interior e o mundo externo como formação da identidade. O sujeito não era autônomo e sim formado através da relação com as outras pessoas e com a sociedade. Diferente do sujeito do iluminismo, agora o sociológico está fragmentado e não possui apenas uma identidade, e sim várias.

c) Sujeito pós-moderno: descrito como sujeito que assume diferentes identidades e torna-se uma “celebração móvel”, transformado continuamente a partir das relações dos sistemas culturais que o rodeia.

Posto isso, nota-se como as transformações ocorridas ao longo do tempo influenciam o modo de se discutir o que é identidade. Deste modo, ao invés de se pensar este termo como conceito pronto e acabado, Hall propõe a utilização da expressão **processo identitário**, pois, para ele, a identidade não é fixa e nem móvel, e sim construída e reconstruída através das transformações dos sujeitos e do espaço.

A partir da concepção do sujeito pós-moderno, o sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, através de uma entrevista concedida ao italiano Benedetto Vecchi que se transformou num livro intitulado “Identidade”, mostra a perspectiva do tema sob uma **ambivalência líquida**. Com um tom quase que pessimista, mas ao mesmo tempo pertinente, o autor chama atenção

para o perigo da sociedade moderna, construída através da busca de uma identidade em contraponto à comunidade.

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.” (BAUMAN, 2005, p.60)

Essa modernidade líquida está associada às satisfações temporárias e às relações não duradouras, que levam à construção da individualidade que não está mais arcada por um ambiente sólido. Com a forte influência do consumismo, cada indivíduo busca torna-se alguém através da sua própria vontade, de forma móvel e imprevisível.

Em paralelo à “liquidez” da modernidade apresentada por Bauman, em um contexto social percebe-se que, apesar da presente individualidade humana arraigada diante das novas tecnologias do mundo global, o indivíduo ainda se vê na condição de participar de grupos sociais como forma de encontrar um significado da sua posição na sociedade, ou, ainda, situar-se em nichos aos quais se identifica.

Nessa linha, busca-se entender o porquê de o sujeito imerso numa comunidade entrar em choque consigo e com o outro. A identidade como caráter binário é discutido por Homi Bhabha, importante teórico nos estudos pós-coloniais, na obra “O local da cultura”, em que ele apresenta:

Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie do reflexo narcísico do Um no Outro, confrontados na linguagem do desejo pelo processo psicanalítico da identificação. Para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade (BHABHA, 1998, p. 85).

A partir desse conflito, muitas vezes simbolizados na relação entre colonizador e colonizado e outros dualismos clássicos como “pobre x rico, homem x mulher, branco x preto, patrão x empregado”, Bhabha propõe o estudo do conceito de **hibridismo**, discutindo-se identidades pluralizadas a partir de um terceiro espaço que proporcione que as diferenças possam conviver juntas.

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado em um objeto ou em alguma identidade mítica “híbrida” – trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, sem a transcendência das condições complexas e conflitantes que acompanham o ato de tradução cultural (BHABHA apud MENEZES DE SOUZA, 2004, p. 113).

Nesse sentido, o hibridismo de Bhabha não pressupõe um sujeito autêntico, mas com ambivalência de valores que se sobrepõem e se confundem, tornando o indivíduo um ser ambíguo. Dessa maneira, a influência mútua entre diferentes culturas permite a compreensão da inexistência de uma cultura soberana, colonizadora, mas de interação entre diferentes contextos possibilitando uma identidade híbrida.

Diante dos conceitos de identidade vistos acima sob diferentes pontos de vistas que vão desde a concepção do termo como diáspora apresentado por Hall, passando pela modernidade líquida de Bauman e o hibridismo desenvolvido por Bhabha, vê-se o quão denso a palavra se insere e as múltiplas formas que ela pode ser discutida. Entende-se, então, que a identidade não tem um conceito único e fechado, pois sempre está em processo de reconstrução a partir das mudanças do sujeito e da sociedade.

Para fins didáticos, porém, esta pesquisa considerará identidade como recorte do processo identitário, conforme apresentado por Hall e visto aqui no quinto parágrafo deste capítulo. As relações identitárias propostas aqui, portanto, envolvem o sujeito com a comunidade de forma plural e reconstruída a partir do conjunto de suas origens, das suas experiências e das dinâmicas sociais.

3. Educomunicação: uma proposta de valorização do educando como sujeito crítico e autoral

Dialogar sobre a educação, hoje, provoca o educador a refletir sobre a sua prática na sala de aula, uma vez que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) são uma realidade e modificaram o modo como as relações sociais e o acesso à informação são delineados. Desse modo, deve-se pensar as relações entre educadores e educandos por meio da construção de ambientes e processos educacionais colaborativos, abertos e interativos.

Diante do sedutor cenário das tecnologias digitais, são grandes os desafios dos professores para se comunicarem com os alunos, sobretudo os adolescentes e jovens. Segundo uma pesquisa realizada em 2014 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), jovens brasileiros estão rapidamente imersos nos espaços virtuais criados pelas novas TICs. Eles se conectam nas diversas redes, apropriando-se da multiplicidade de mídias digitais em atividades sociais, de lazer e de aprendizagem.

Nessa linha, são muitos os estudos que dialogam sobre como utilizar as novas tecnologias na sala de aula de forma atrativa e eficiente. Conforme Moran (2006, p.36):

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

No entanto, é necessário que os educadores reflitam com criticidade sobre essas novas linguagens e as suas expressões, para que os saberes e vivências dos educandos não sejam deixados de lado em detrimento do senso comum. Há um risco de estimular os educandos a serem reprodutores de conteúdos comunicativos globalizados, que por um lado podem trazer benefícios quanto a amplitude do acesso, mas por outro induz-se a universalização de comportamentos e do que deve ser consumido.

No livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Hall (2003, p.60), alerta:

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a "proliferação subalterna da diferença". Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo).

A escola é um espaço multicultural, que acolhe diferentes realidades e formas de pensar. Então, mais do que inserir as novas ferramentas tecnológicas a favor da comunicação e do ensino, faz-se importante que educadores e educandos dialoguem sobre como esses aparelhos podem reproduzir comportamentos ideológicos controlados, muitas vezes, por interesses econômicos de grandes empresas.

[...] Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão postas em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola (FREIRE, 1984, p. 6).

Diante disso, embora as novas TICs permitam uma maior interação entre o emissor e o receptor, seria ingênuo pensar que a responsabilidade de transmissão de conhecimento, de ideias e de experiências, sobretudo da realidade local, é dos veículos que imperam os grandes meios de acesso à comunicação, presentes na TV e na Internet. Ainda segundo Hall (2003, p.207), "o intelectual orgânico não pode subtrair-se da responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual aos que não pertencem, profissionalmente, a classe intelectual".

Nesse sentido, é coerente pensar em formas de propor o uso das TICs na educação como ferramentas que coloquem os sujeitos como desenvolvedores de conteúdo, capazes de mostrar, discutir e refletir questões que façam parte do ambiente no qual eles estão inseridos, seja na escola, no bairro e até na cidade. A produção da mídia como difusão da comunicação dentro da escola é um assunto discutido pela educomunicação, conceito com estudos avançados no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP), que através de Soares (2000, p.63) traz o seguinte entendimento:

O conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais (tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou "e-learning" e outros...), assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem.

A implementação desse ecossistema comunicativo objetiva o desenvolvimento de uma educação para os meios, que promova receptores críticos, através de um espaço onde os sujeitos também sejam ativos no processo de difusão da comunicação. Para isso, surge também a figura do educador, que pode ser o próprio professor, capaz de dar assistência ao uso das novas tecnologias como meio de expressão dos protagonistas do processo comunicativo (SOARES, 1999), possibilitando uma interrelação entre a educação e a comunicação.

É importante, por sua vez, não confundir os conceitos de educação e tecnologia da informação ou tecnologia da comunicação. Ainda segundo Soares (2001), eles não são sinônimos, pois a educação não se fundamenta na ferramenta utilizada, mas na valorização do processo, na mediação que ela pode ampliar os diálogos sociais e educativos.

Assim, a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de "re-conhecimento". Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para "re-ver" o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 28).

Nessa perspectiva, o processo educacional não é unilateral. Deve-se envolver saberes e experiência dos educandos, promovendo uma relação dialógica entre eles e com os educadores, proporcionando a busca de informações, a construção de conhecimento em parceria e o exercício da criatividade e expressões coletivas.

4. A produção de vídeo como potencializador do processo educacional

A linguagem audiovisual, muito utilizada e acessada hoje pela população, seja em seus *smartphones*, seja em computadores, televisão ou cinema, apresenta potencialidades instrumentais na construção de processos mais colaborativos de aprendizagem. Assim, o processo de produção de vídeos pode ser um caminho enriquecedor no processo educacional. Uma pesquisa com este cunho pode estimular o fortalecimento dos laços dentro da comunidade escolar, envolvendo a todos nas etapas de produção, desde a construção da ideia, passando pelo roteiro, até a edição final.



Figura 4 - Passo para produção de um vídeo
Fonte: Oficina de Produção de Vídeos - TV Escola

Nesse processo, conforme ilustrado na Figura 4, o trabalho em equipe é fundamental, pois envolve: a definição da **ideia** – o que se pretende gravar, o tema central; o **roteiro** – o percurso narrativo no qual estão os personagens, os cenários e as marcações de tempo e espaço; a **pré-produção** – definição do cronograma, orçamento, locações, a organização do projeto em si; a **gravação** – o momento de usar os equipamentos e gravar o que foi planejado; e a **edição/finalização** – a montagem do filme utilizando algum software específico para tal.

Neste ambiente de aprendizagem colaborativa, Bittencourt (2016) dialoga na dissertação apresentada no GESTEC “Não É O Olho Que Vê: Uma experiência audiovisual de produção de conhecimento através da realização

colaborativa de Curtas metragens ficcionais”, apontando que todos os envolvidos aprendem e ensinam, uma compreensão de projeto que envolve muita troca de informação e conhecimento, proporcionando a interação entre diferentes tipos de habilidades. Para o autor, esse processo de construção audiovisual “desempenha um importante papel por se tratar de uma atividade essencialmente coletiva e cooperativa, com forte interação social, e propícia ao reconhecimento e à valorização das diferenças”. (BITTENCOURT, 2016, p. 69).

Nessa linha, a produção de vídeo se mostra como um caminho interessante para o processo de construção social, pois apresenta-se como material no qual se permite o trabalho em equipe e a reflexão sobre o que está sendo filmado. Por isso, não basta apenas orientar os educandos a ligar a câmera e gravar. Não se pode galgar a produção de vídeos apenas em aspectos técnicos em detrimento do fenômeno comunicacional através das relações humanas: “Em outras palavras, a dinâmica comunicacional, a natureza do processo comunicativo é meramente expressão das possibilidades do suporte tecnológico?” (FRANÇA, 2002).

Nesse sentido, é importante deixar claro aos alunos que o processo de produção é apenas uma ferramenta da produção audiovisual. Como afirma Heloiza Gurgel Pires (2010):

No contexto da educação para as mídias, a produção não é um fim em si. Os jovens se apropriam da linguagem midiática para expressar suas ideias e sentimentos de forma criativa ou por meio da Arte. Usam a mídia também para comunicação, sem reduzir esse fazer a um treinamento técnico, sendo necessário o estabelecimento de uma relação dialógica entre professor e aluno e entre os próprios alunos numa permanente negociação. Há também a preocupação em compreender a linguagem audiovisual não como um sistema fechado, mas processual, por meio do qual são construídas as representações e onde acontecem interações – espaço aberto a múltiplas leituras. (p. 288).

Assim, a produção de um vídeo pode dialogar com temas debatidos em sala de aula, em qualquer disciplina. A introdução à técnica, além de instigar os alunos a trabalhar com um recurso tão conhecido entre eles como espectadores, abre agora a possibilidade de se verem enquanto produtores. Enquanto o conhecimento técnico abre portas para a criação artística, a produção acaba

sendo apenas meio, e não fim, para a reflexão e debate dos próprios jovens acerca de temas da sua realidade e do próprio currículo escolar. Como afirma PIRES (2010, p. 288), “o aluno é contextualizado como produtor e espectador de sua própria mensagem, visto como sujeito histórico, social e cultural, e não apenas como interlocutor, mas como sujeito criativo e transformador.

Setton (2004) reforça que a escola não deve criar um ambiente artificial de consumo dos meios audiovisuais, uma vez que o professor também é um consumidor das novas mídias. Portanto, ele precisa se colocar como espectador especializado, capaz de ajudar o aluno a entender o processo de desenvolvimento multimídia utilizado em sala de aula. Freire também traz essa compressão, quando diz:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implicar re-conhecer. (2003, p. 47)

O “vídeo” seria, então, apenas uma das formas que se propõe para mostrar o que se pensa. A arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através dela é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2012, p. 3).

Diante disso, da mesma forma que o processo de construção de um vídeo apresenta-se como um trabalho coletivo, o ambiente educacional também segue o mesmo caminho, pois educadores e educandos se engajam no processo de conhecimento por meio da troca de saberes entre as experiências de ambos.

5. O documentário como proposta para trabalhar a produção de vídeo na educação

Para entender, primeiramente, a proposta deste capítulo, é importante dialogar sobre o que é um documentário. Faz-se necessário viajar para a década de 1895, período este que o cinema deu os primeiros passos com a exibição de algumas imagens em movimento produzidas pelos Irmãos Lumière, em Paris. Nesta época, os primeiros filmes eram apenas registros do cotidiano, como a saída de operários de uma fábrica e a chegada do trem numa estação. Até então, apenas a imagem em movimento projetada já chamava atenção do público.

Em 1902, no entanto, o cinema deu um grande salto quando um ilusionista francês, Georges Méliès, apresentou o filme “Viagem à Lua”, que contava a história de um grupo de astrônomos que viajaram à lua e passavam por algumas aventuras até conseguirem voltar à terra. Esta produção é considerada pela literatura como o primeiro filme de ficção científica e impulsionou o cinema como ferramenta para se contar uma história.

Ao longo do tempo, o cinema foi criando forma e para contar uma história os realizadores utilizaram técnicas específicas que compõem a linguagem cinematográfica. Por exemplo, para nos comunicarmos aqui no Brasil, temos os códigos da Língua Portuguesa. No cinema, a organização da narrativa é contada através dos enquadramentos, cujas cenas são divididas em planos e separadas por cortes. Essa característica permite, dentre outras coisas, o olhar subjetivo. Ao mostrar determinado acontecimento com um enquadramento mais fechado, por exemplo, como num plano detalhe, deixamos de ver a cena apenas como espectador e vemos sob o olhar do personagem, ou seja, vemos aquilo que o personagem vê.

Desse modo, a linguagem cinematográfica forma-se através de dois eixos: a criação de estruturas narrativas (tem-se um roteiro com início, meio e fim) e a organização do espaço dentro do quadro, de acordo com o tipo de enquadramento, angulação, movimento de câmera, dentre outros. O trabalho de direção de um filme, dentre outras funções, é sobretudo o da decupagem, que é transformar as cenas do roteiro nos diversos tipos de plano.

Nesse sentido, a produção de um registro como um conjunto de imagens que uma câmera capta durante um tempo determinado sobre qualquer

acontecimento, como nos primeiros filmes da história do cinema dos Irmãos Lumière; mais o uso da linguagem cinematográfica, que é a maneira como o autor da produção organiza as cenas gravadas numa estrutura narrativa (sequência lógica), formam o gênero documentário.



Figura 5 - Esquema do que é um documentário
Fonte: O autor

No entanto, é comum associar o documentário como um registro verdadeiro e fiel da realidade ou parte dela. Acredita-se que este gênero seja, inclusive, um antônimo para a ficção, que se utiliza de um roteiro com uma história declaradamente imaginária. Porém, NICHOLS (2014) esclarece que, embora haja diferenças entre ficção e documentário, as duas caminham juntas porque ambas são baseadas pela visão do cineasta, que envolve seus próprios objetivos, e geram interpretações distintas para cada espectador.

Ainda segundo o autor:

Alguns documentários utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à ficção, como, por exemplo, roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Alguns filmes de ficção utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à não ficção ou ao documentário, como, por exemplo, filmagens externas, não atores, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo. (NICHOLS, 2014, p.17)

Essa observação da subjetividade da representação da realidade já poderia ser vista no filme “Um Homem com uma Câmera”, dirigido por Vertov, de 1929, considerada por muitos especialistas como o precursor do gênero documentário. O filme, que mostra a vida dos habitantes da Rússia através do olho de uma câmera, apresentava nos minutos iniciais trechos do próprio filme sendo montado, de frames do vídeo estáticos por alguns segundos, movimentando-se lentamente em seguida, como se Vertov já estivesse

alertando que aquilo não era a realidade, e sim uma representação do mundo real.

Aqui no Brasil, um dos documentários mais vistos e tido como referência no gênero é o “Ilha das Flores”, do diretor Jorge Furtado (1989). Nele, o próprio diretor intitula no prólogo que “Esse não é um filme de ficção”. Ao fazer essa afirmação, o público já espera que aquilo seja algo real, um documentário. Contudo, um narrador conta histórias com personagens e situações fictícias, mas usa-os para criticar problemas que são reais. Desse modo, a linha tênue que separa ficção e realidade é posta em discussão, uma vez que a representação da realidade pode, muitas vezes, ser mais real que a própria realidade.

Por esse raciocínio, deve-se considerar que embora o documentário tenha a intenção de mostrar determinado ponto de vista real do mundo, a maneira como cada pessoa enxerga a realidade é subjetivo. Além disso, assim como um filme de ficção possui a pretensão de contar uma história e prender a atenção do espectador, o documentário também necessita desses objetivos para tornar-se um produto que seja interessante de ser visto. O cineasta não faz um filme para si mesmo, e sim para o público.

Um documentário normalmente não possui a estrutura em três atos típica dos roteiros de filmes de ficção, com seus pontos de virada, obstáculos, e outros elementos estruturais utilizados para avançar a trama. Mas o documentário também enfrenta a mesma necessidade estrutural que é a de despertar e manter o interesse do espectador desde o início, passando pelo longo desenvolvimento do meio até a resolução e encerramento do fim (HAMPE, 1997, p.123).

Posto isso, ao se pensar em utilizar o documentário como gênero na produção de vídeos na educação, educadores e educandos devem se conscientizar da importância de refletir sobre a representação da realidade a qual ele permite, para que se desenvolva a criticidade tanto no olhar de quem assiste quanto naquele que o produz, conforme discutido no capítulo 2. É importante apropriar-se do gênero primeiro antes de utilizá-lo como proposta.

Descobrir a finalidade do programa; captar e esclarecer a finalidade do programa de vídeo ou TV; provocar ideias, convencer alguém, incentivar o consumo; reconhecer-lhes a proposta, que ações recomenda, que relação estabelece com o receptor, que tipo de intencionalidade (explícita ou implícita) caracteriza o emissor (TORNERO, op. cit, p. 11).

Assim, o uso do documentário como ferramenta educativa, torna-se uma opção interessante para ser utilizada pelo ponto necessário de ser um recurso capaz de mostrar, divulgar e promover a discussão acerca do que se propõe, sobretudo do próprio espaço que o educando convive e conhece, entendendo a potencialidade do gênero não com a superficialidade de mostrar “a vida como ela é”, mas de permitir uma apropriação e uma aproximação do meio o qual faz parte.

[...] aproximar os conteúdos escolares do aluno por ser um recurso lúdico dando-lhe uma visão mais ampla de mundo; desenvolver a imaginação; abrir espaços para debates e comparações com o que foi dito em aula; facilitar a compreensão de temáticas que por vezes podem ser bastante complicadas de se trabalhar em sala de aula. Sem dúvida, o cinema ajudará o educador no seu modo de organização do ensino, de mediar o conhecimento e a aprendizagem. A educação pela arte cinematográfica é um dos grandes desafios dos educadores porque mesmo sendo um meio de comunicação e expressão, propicia uma melhor visão de mundo, colaborando na formação de jovens conscientes, críticos e reflexivos, aproximando-o de sua comunidade. (PRADO, sd, p.1).

Esse anseio da produção de vídeo como representação social é o que caracteriza fortemente o documentário, embora segundo Nichols a sua definição seja relativa ou comparativa, ele diz que “os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilhamos.” (NICHOLS, 2014, p.20).

Para que essa representatividade no uso da produção de documentário seja uma prática atrativa, a atuação constante do professor como mediador de todas as etapas da sua construção é essencial, pois ele deve agir como elemento atuante no processo de estimulação da pesquisa, indicando referências que podem estar presentes não somente em outras obras documentais, mas também em livros, notícias jornalísticas, revistas e depoimentos e ou experiências de outras pessoas. No entanto, esse estímulo deve ser em diálogo com o educando,

valorizando a forma como ele e a sua equipe pretendem conduzir a produção do vídeo, conforme discute Moran:

Precisamos, em consequência, estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação. Educar os educadores para que, junto com os seus alunos, compreendam melhor o fascinante processo de troca, de informação-ocultamento-sedução, os códigos polivalentes e suas mensagens. Educar para compreender melhor seu significado dentro da nossa sociedade, para ajudar na sua democratização, onde cada pessoa possa exercer integralmente a sua cidadania (MORAN, 2007, p.162).

Dessa forma, o educando deve estimular as várias fontes enunciativas para coletas de informações, além de permitir ideias divergentes sobre a abordagem proposta, a fim de propor um confronto de opiniões que possam nortear o educando documentarista. Mostrar as vozes que se contradizem na narrativa são um meio dele mesmo refletir e mostrar o seu ponto de vista para o público.

6. METODOLOGIA

6.1 Lócus de Pesquisa

A presente pesquisa é desenvolvida no Instituto Federal da Bahia, no *campus* localizado em Santo Antônio de Jesus. Este *campus* faz parte da terceira expansão da rede de Institutos Federais na Bahia e é um dos mais recentes, tendo suas obras iniciadas em 2013 e finalizadas em 2015. A partir de 2016, iniciaram suas atividades acadêmicas, oferecendo cursos de extensão, com início da oferta de cursos superiores no segundo semestre de 2018.

Um dos seus principais objetivos é promover ensino, pesquisa e extensão com inovação tecnológica referenciada, pública e de qualidade. Conforme a finalidade de integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, a atuação do *campus* em Santo Antônio de Jesus propõe ser referência nas áreas de tecnologia e comunicação, atuando consoante estudos sobre o perfil econômico e social da cidade.



Figura 6 - O IFBA em Santo Antônio de Jesus
Fonte: Arquivo do IFBA Santo Antônio de Jesus

O município de Santo Antônio de Jesus está situado no Recôncavo Baiano, à margem da BR 101 e a 187 km de Salvador (por via terrestre) e, segundo pesquisas do IBGE em 2017, possui uma população estimada em 103.342 habitantes e um PIB per capita, estimado em 2015, em R\$ 18.539,48. A cidade tem como alguns municípios limítrofes: Varzedo, Conceição do Almeida, Aratuípe, Laje, Muniz Ferreira, Dom Macedo Costa e São Felipe.

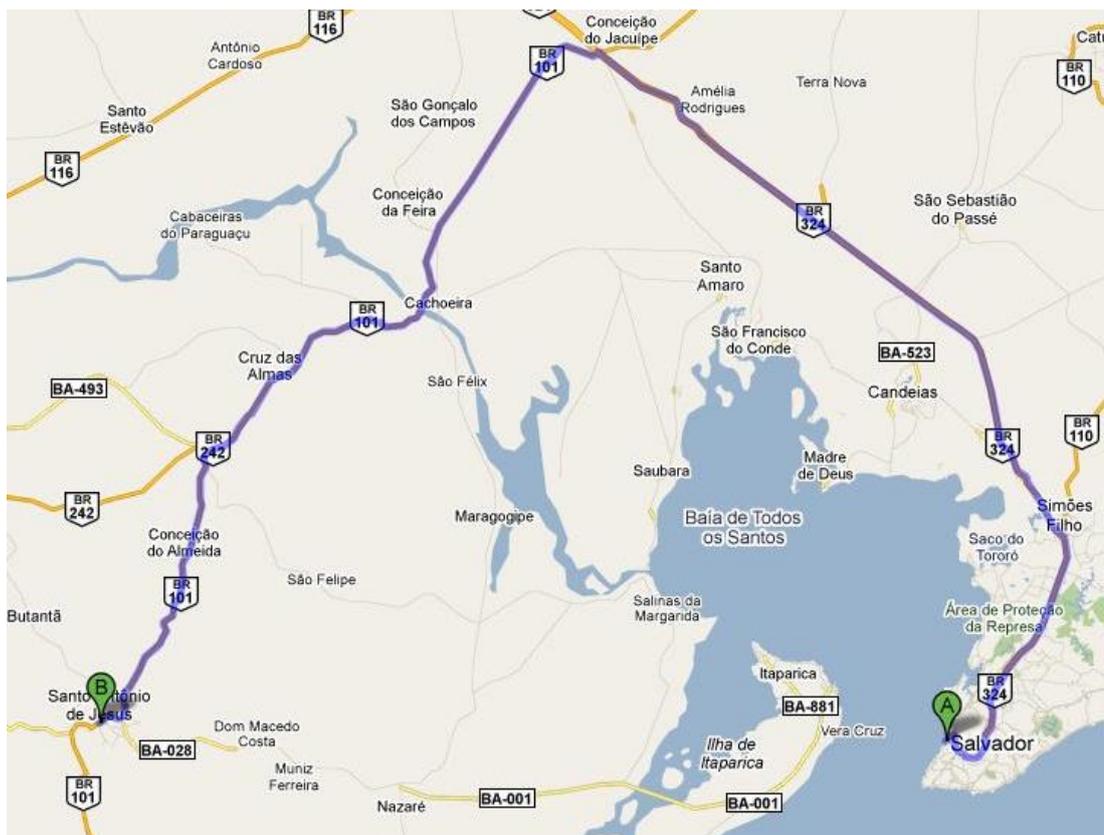


Figura 7- Distância entre Santo Antônio de Jesus e Salvador
Fonte: Google Maps

O território santoantoniense é favorecido em relação à rede de transportes, devido à pavimentação da BR-101 e por estar próxima das BA-046, e BA-028, o que caracteriza uma grande movimentação rodoviária, gerando um grande fluxo de veículos e pessoas. Por essa localização privilegiada, a cidade é uma das principais referências do Recôncavo, com o comércio e o serviço como principais formas de economia e renda para a população local e regiões vizinhas.

6.2 Percurso Metodológico

6.2.1 O Tecendo Histórias e o curso de “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”

O percurso metodológico deste projeto começa com o projeto Tecendo Histórias, realizado por estudantes, docentes e servidores técnicos-administrativos do Instituto Federal da Bahia, no *campus* localizado em Santo Antônio de Jesus, no período de janeiro de 2015 até os dias atuais. Atualmente, este projeto é subdividido em três cursos de extensão: "Produção Textual e

Editoração de Revista", "Produção de Roteiro e Vídeo para Curta Metragem" e "Fotografia". Apesar dos três cursos trabalharem com linguagens diferentes, eles têm o mesmo objetivo: contar histórias e valorizar identidades da cidade.

Para construção deste trabalho, no entanto, será estudada, apenas, a linguagem audiovisual, especificamente com o curso de “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, cujo coordenador é o autor deste projeto. A intenção deste recorte é possibilitar um olhar mais atento para a linguagem específica de áudio e vídeo e pelo fato deste curso já ter resultados que possibilitem uma melhor análise.

O curso de extensão em “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem” começou em 2016 e já formou 4 turmas. O objetivo do curso é proporcionar ao estudante o conhecimento para produção de vídeos de curtas-metragens, bem como possibilitar o conhecimento básico sobre a teoria e a prática da linguagem cinematográfica, com aulas nas áreas de roteiro, produção e pós-produção, com ênfase no gênero documentário.

O curso é gratuito e tem uma carga horária total de 160 horas, com aulas duas vezes por semana com 4h cada uma, totalizando 5 meses. É ofertado 25 vagas semestrais. A escolaridade mínima exigida para cursar é Ensino Fundamental II completo, o que corresponde a uma faixa etária mínima de 14 anos. Não é realizado processo seletivo; caso o número de inscritos seja maior que o número de vagas, a seleção é feita por sorteio eletrônico. O quadro a seguir ilustra a sua matriz curricular conforme o projeto pedagógico do curso⁴.

Tabela 1 - Matriz Curricular do curso de Produção de Roteiro e Vídeo

Ordem	Componentes Curriculares	Carga Horária
1.	Linguagem e Expressão Cinematográfica	28h
2.	Fundamentos de Fotografia, Iluminação e Som	28h
3.	História e Pesquisa	12h
4.	Roteiro	16h
5.	Realização audiovisual	8h
6.	Edição de Vídeo	24h
7.	Trabalho de Conclusão de Curso	44h
CH TOTAL		160h

Fonte: Projeto Pedagógico do curso de Roteiro e Vídeo, IFBA (2017)

⁴ Projeto pedagógico do curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem do IFBA. Disponível em: < http://portal.ifba.edu.br/santoantonio/extensao/paginas-dos-cursos-fic/listas/PROJETO_PEDAGOGICO_Producao_de_Roteiro_e_Video.pdf > Acesso em: 13 abr. 2018

Conforme visto na tabela 1, o curso possui 7 módulos que contemplam, de uma forma geral, conteúdos como: linguagem cinematográfica (história do cinema, noções de planos, enquadramentos, ângulos, composição, movimentos de câmera e análise fílmica), fotografia, iluminação e som, roteiro (criação de tema, sinopse, argumento, tratamento, tipos de gêneros narrativos), realização audiovisual (noções de orçamento, cronograma, entrevistas, plano de filmagem e locações, finalização do produto e participação em editais), noções práticas de filmagem e edição de vídeo.

Além da realização de disciplinas específicas da área de áudio e vídeo, é oferecida a disciplina de História e Pesquisa, cujo objetivo é discutir temas da memória local e a importância da pesquisa e do resgate histórico para construção de uma produção audiovisual.



Figura 8 - A primeira turma do curso de "Produção de Roteiro e Vídeo" no IFBA
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Durante o percurso, são realizadas algumas atividades que estimulam o trabalho em equipe, como produções de curtas com temática livre, e exercícios que relacionem a linguagem textual e audiovisual, como a exibição de filmes e discussão de histórias produzidas pelos próprios alunos. O objetivo é praticar e descobrir aptidões dentro das áreas e, principalmente, estreitar os vínculos de amizade e colaboração entre as turmas até a fase da produção final de pesquisa.



Figura 9 - Aula prática de filmagem com os alunos do curso de "Produção de Roteiro e Vídeo"
Fonte: Arquivo do autor

Além disso, promovem-se palestras com profissionais da área, sobretudo de cineastas da região, como forma de ampliar o repertório audiovisual dos alunos e mostrá-los que é possível engajar no setor, mesmo distante dos grandes centros. Como exemplo, tivemos a participação de Otávio Tourinho, conhecido como Tau Tourinho, natural de Santo Antônio de Jesus e que já realizou várias produções cinematográficas. Em entrevista para a imprensa local, ele relatou: “Eu tive a oportunidade de mostrar para os alunos que aqui na cidade existem produtores de cinema e que estão atuando, meu papel foi contar minha trajetória artística, e minha história em produção de cinema”.⁵



Figura 10 - Palestra com o cineasta Tau Tourinho para a turma de Produção de Roteiro e Vídeo
Fonte: TV SAJ

⁵ Artista Visual Tau Tourinho ministra palestra para futuros cineastas em Santo Antônio de Jesus. Disponível em: <<http://tribunadoreconcavo.com/artista-visual-tau-tourinho-ministra-palestra-para-futuros-cineastas-em-santo-antonio-de-jesus/>>. Acesso em: 14. abr. 2018.

Ainda, as novas turmas recebem os ex-alunos, que falam sobre a experiência no curso, especialmente no processo de construção do curta-metragem, contando como eles definiram a ideia, realizaram o roteiro e solucionaram possíveis problemas com equipamentos e discussões entre os membros da equipe. Esse encontro é importante para estimular os novos alunos, uma vez que eles veem na prática resultados já alcançados e sentem-se mais seguros ao observarem que outras pessoas passaram por anseios semelhantes.



Figura 11 - O aluno Isaac, formando da segunda turma, mostra o curta da sua equipe e debate com a terceira turma
Fonte: Arquivo do autor

São realizadas, também, algumas visitas técnicas em Santo Antônio de Jesus e outras regiões do recôncavo. Uma delas é a viagem para a Festa Literária Internacional (FLICA), que ocorre anualmente em Cachoeira – Ba. Os alunos são levados para conhecer a cidade e participar de palestras literárias, com o intuito de fomentar o acesso à cultura, proporcionar algumas atividades de produção de vídeo e, principalmente, oportunizar o fortalecimento das relações de amizade entre os alunos.



Figura 12 - Os alunos entrevistando participantes da FLICA
Fonte: Arquivo do autor

Após a conclusão das disciplinas, na etapa final do curso, os alunos formam equipes para construção de curtas documentários, com o acompanhamento dos professores e monitores do projeto. Com as quatro turmas já foram produzidos treze curtas que versaram sobre:

Artivismo e Resistência: sobre o processo de cartografia das práticas de ativismo compreendidas na cultura Hip Hop e do grafismo em Santo Antônio de Jesus, com jovens, artistas, mobilizadores, agitadores culturais, grupos comunitários e coletivos artísticos, que formam um contra-fluxo de resistência à negligência e descaso das instituições de poder em relação a estes movimentos.

Boutique da Feira: sobre o comércio de roupas populares e os contratempos das feirantes na Feira Livre de Santo Antônio de Jesus, que ocorre semanalmente às quartas-feiras.

A vida que se vive – o fenômeno da longevidade: sobre grupos de idosos em Santo Antônio de Jesus que se encontram e frequentam festas regularmente.

Passageiros – a estrada da saudade: sobre o caminho da cidade de Nazaré até o Vale do Jiquiriçá, passando por Santo Antônio de Jesus, apresentando o caminho percorrido pelo trem e histórias vividas por alguns personagens durante os anos de ouro dessas viagens, na Estrada de Ferro de Nazaré (EFN) na região do recôncavo baiano, até A Porta do sertão (Jequié), apresentando as estações, trilhos e suas histórias.

Fugere-Urbem - O retorno à simplicidade: sobre o êxodo urbano em Santo Antônio de Jesus, histórias de pessoas que deixaram a vida conturbada da cidade para viverem à tranquilidade no campo.

Nossa Farinha, Nossa Herança: sobre transformações estruturais e culturais das casas de farinha em Varzedo, cidade situada no Recôncavo Baiano, a 18 quilômetros de Santo Antônio de Jesus. Mostra a importância das casas de farinhas para a cultura e a economia da cidade e de todo Recôncavo, bem como o fim de algumas dessas casas.

Amor Sob Patas: sobre o abandono de cães e o trabalho das pessoas que se dedicam à ONG “Amo Animais” em Santo Antônio de Jesus.

Tambores de SAJ – identidades do candomblé: sobre a religiosidade de matriz africana, por meio de pesquisas feitas em dois Templos Religiosos do Candomblé localizados em Santo Antônio de Jesus com o esclarecimento e a desmistificação de conceitos pré-julgados sobre o candomblé.

Em Busca do Cinema no Recôncavo: mostra a história do cinema no Recôncavo da Bahia, mostrando o que tivemos, o que temos e o que está por vir, com foco em três cidades da região: Nazaré, Santo Antônio de Jesus e Cachoeira.

Rock In SAJ: aborda a história do Rock In Saj, contando a importância do movimento para aqueles que organizam o evento e para seus colaboradores, como também para público da cidade de Santo Antônio de Jesus e região.

Salve Capoeira: aborda as contribuições, preconceitos e resistências referentes à prática da capoeira na cidade de Santo Antônio de Jesus, em específico na Associação Palma de Ouro, que fica localizada na comunidade Irmã Dulce (Mutum).

Dessiliência Maria: sobre escritoras negras do Recôncavo, tem como principal objetivo dessilenciar, ou seja, quebrar o silêncio imposto as mulheres negras e as suas obras.

Nas Mãos do Oleiro: mostra o trabalho dos oleiros que fabricam objetos de cerâmica utilitários e decorativos em Maragogipinho (Aratuípe- Ba).



Figura 13 - Trecho do curta "Passageiros - a estrada da saude"
 Fonte: Canal do IFBA SAJ no Youtube⁶

Os temas definidos são dialogados durante o curso com os alunos e professores, a fim de definirem estratégias de colaboração entre si como a realização de visitas, palestras e ações culturais na cidade. Tem-se como base Freire (2000), quando ele diz sobre a preparação dos alunos como sujeitos questionadores, críticos e criativos para que não sejam apenas depositários e ou reprodutores de informações.

Para registro e divulgação do material produzido, foi criado um canal no Youtube para a instituição cujo nome é "IFBA SAJ", com os vídeos realizados pelos alunos, como forma também de facilitar o acesso ao acervo e socializar o material como fonte de pesquisa para outras instituições e ou pesquisadores. O canal atualmente possui mais de 100 inscritos e um dos vídeos, Tambores de SAJ, possui mais de 2 mil visualizações.



Figura 14 - Canal do IFBA SAJ no Youtube com os curtas-documentários dos alunos
 Fonte: Youtube

⁶ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=tiYc_DVZmWI>. Acesso em: 14. abr. 2018.

No dia da certificação, alunos, servidores do IFBA e a comunidade de Santo Antônio de Jesus são convidados para assistir aos filmes realizados. Após as exibições, os alunos e os entrevistados dos curtas debatem com a plateia sobre todo o processo de produção, contando detalhes dos bastidores e respondendo dúvidas e curiosidades do público. É um momento também dos personagens dos filmes se verem na tela e interagir fora dela com os espectadores.



Figura 15 e Figura 16 – Alunos e representantes do candomblé do curta "Tambores de SAJ" no IFBA para debater com o público no dia da exibição
Fonte: Arquivo do autor

No início de 2018, sentimos a necessidade de difundir os documentários realizados pelos alunos não só através de um único dia de exibição e do canal no Youtube. Criamos então um Cine Clube, com o objetivo de fomentar o interesse da comunidade de Santo Antônio de Jesus por produções cinematográficas, apresentando filmes nacionais e internacionais, inclusive os próprios filmes realizados pelos alunos do instituto. Atualmente, o Cine Clube ocorre quinzenalmente aos sábados no auditório da instituição, onde se promove, além da exibição dos filmes, debates com convidados e com a comunidade.

Através dessa experiência, percebemos que o contato com o público externo ainda era limitado, pois muitas pessoas têm dificuldades para chegar ao instituto por ele não se localizar no centro da cidade. Nesse sentido, pensamos na ideia de um cine clube itinerante, com a exibição de filmes em outros locais da cidade. A primeira ação foi uma exibição de 5 curtas documentários produzidos pelos alunos na Praça Padre Mateus, conhecida como um dos locais

mais populares de Santo Antônio de Jesus, onde se concentra um grande fluxo de pessoas.



Figura 17 - Cartaz de divulgação da exibição dos filmes dos alunos na Praça
Fonte: IFBA SAJ

Essa exibição foi bastante significativa, pois foi uma forma de aproximar o trabalho dos alunos para um público que, em boa parte, ainda não conhece a instituição. Além disso, foi uma oportunidade de os moradores da cidade verem na tela personagens que fazem parte do cotidiano deles, como vizinhos, parentes, amigos, conhecidos. Há uma identificação maior do que uma exibição de um filme com atores “desconhecidos”.



Figura 18 - Exibição dos curtas dos alunos no quiosque Renato Machado na Praça Padre Mateus
Fonte: IFBA SAJ

O momento também foi de relevância para os alunos que produziram os curtas e que estavam presentes na exibição. A ex-aluna Maiqueli Cardoso, integrante da equipe do curta “Nas Mãos do Oleiro”, disse: “Senti-me honrada com a exibição do meu filme na praça. Creio que iniciativas como a do Cine Clube é uma forma de contribuir com a cultura local e incentivar a população a conhecer um pouco mais sobre cinema”.⁷



Figura 19 - Direção, professores e os alunos que produziram os curtas na Praça Padre Mateus
Fonte: IFBA SAJ

A ação mais recente do Cine Clube itinerante foi uma exibição de 3 curtas documentários dos alunos no Lar dos Idosos de Santo Antônio de Jesus, uma instituição que funciona como casa de amparo aos idosos. Foram escolhidos os curtas “Nossa Farinha Nossa Herança”, “Passageiros” e “Nas Mãos do Oleiro” por acreditarmos que os enredos teriam aderência ao público alvo, pelas temáticas e pela questão saudosista. A experiência foi muito positiva, pois os idosos se sentiram acolhidos e lembraram momentos que fizeram parte das histórias de vida deles. A ex-aluna Rozilda Ferreira, que participou desse momento, disse: “gratificante ver a felicidade nos olhos dessas pessoas, pude rir, cantar e voltar ao passado através de suas memórias”.

⁷ IFBA exhibe documentários produzidos pelos estudantes na Praça Padre Mateus. Disponível em: <<http://portal.ifba.edu.br/santoantonio/noticias-2/saj-ifba-exibe-documentarios-produzidos-por-seus-estudantes-na-praca-padre-mateus>> Acesso em 26 out. 2018



Figura 20 e Figura 21 - Cine Clube no Lar dos Idosos apresentando curtas produzidos por alunos do IFBA

Fonte: Arquivo do autor

A relação da pesquisa social e colaborativa proposta neste capítulo, teve como sustentação a pesquisa participante, a qual se caracteriza na participação efetiva do pesquisador no lócus da pesquisa. A pesquisa participante caracteriza-se como um trabalho de construção conjunta, conforme sustenta Brandão (1981) “pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes, pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular”.

Esse tipo de pesquisa reflete sobretudo na própria produção audiovisual, na qual cada sujeito tem sua função, seja ela roteirista, produtor, câmera, editor de vídeo, e é quase impossível de ser realizado se não for em equipe. Todas as ações realizadas tanto na instituição quanto na cidade só foram possíveis porque todos os envolvidos apoiaram e trabalharam coletivamente para dar certo. É nesse sentido que trabalhamos a construção de um curta-documentário relatando as nossas experiências, que serão apresentados no capítulo seguinte.

7. IdentDOC: tecendo nossas histórias – o processo de construção de um curta-documentário colaborativo

A partir dos resultados e experiências dos curtas dos alunos do curso de “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, realizou-se um curta-documentário colaborativo a fim de documentar como as produções audiovisuais já realizadas fortaleceram a relação identitária da escola (o IFBA) com a cidade de Santo Antônio de Jesus. A ideia não foi constatar esse fenômeno somente a partir da intuição e ou das experiências já vivenciadas, e sim dialogar com as histórias dos sujeitos envolvidos.

Entende-se como curta-documentário um vídeo de no máximo 20 minutos de duração, com a linguagem conforme vista no capítulo 5. Os sujeitos participantes da pesquisa foram divididos por funções no projeto, conforme ilustrado na tabela 2. Foram compiladas em forma de vídeo depoimentos dos ex-alunos e trechos dos curtas já realizados por eles, assim como outros materiais de arquivo que deram sustentação ao trabalho. Rosenthal (1996, p.387) diz que “dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante” e lista quatro fontes de pesquisa para construção de um documentário: material impresso, material de caixa (filmes, fotos, arquivos), entrevistas e pesquisa de campo nas locações de filmagem.

Tabela 2 - Funções dos sujeitos participantes da pesquisa

Equipe	Sujeitos participantes	Principais funções
Roteiro	Elizabeth Sampaio, Pedro Arthur Nascimento, Vinícius Rodrigues.	Elaboração do argumento, sinopse, escaleta e roteiro final.
Produção	Márcia Queiroz, Roziley Muritiba	Organização do roteiro, cronograma, agendamento de entrevistas.
Gravação	Leonardo Almeida, Márcia Queiroz, Roziley Muritiba, Jefferson Riccelli, Denilson D' Souza	Filmagem das cenas, captação de áudio e iluminação.
Edição	Leonardo Almeida, Jorge Augusto, Vagner Rodrigues	Edição e montagem do filme por meio do roteiro e utilização de software de edição.
Direção	Pedro Arthur Nascimento	Acompanhamento de todas as etapas e decupagem do roteiro.
Colaboradores	Márcio Soares, Jean Neri, Ezival Souza, Andreisson Silva, João Victor Souza, Rozida Souza, Maíra Góis, Joseane Queiroz, Laiana Vieira	Análise e avaliação das etapas, análise do material gravado, identidade visual, interação com o público externo e marketing.

Fonte: o autor

Foram realizadas reuniões semanais, presenciais e a distância, para construção do roteiro e dos elementos de pré-produção, tais como cronograma, orçamento, locações e reserva de equipamentos. Além disso, foi utilizado um grupo no *whatsapp* para facilitar a comunicação e o diálogo de ideias.

Os encontros foram iniciados em julho e finalizado em outubro de 2018, divididos da seguinte maneira:

1ª semana: *brainstorming* inicial, explicando qual é a ideia do projeto, discutindo sugestões e estratégias.

Participaram 12 ex-alunos da reunião, que ocorreu no IFBA em Santo Antônio de Jesus. Eles gostaram da proposta e deram sugestões importantes para o desenvolvimento do projeto. A estudante Elizabete Sampaio relatou “é uma grande oportunidade de agora produzirmos e também aparecermos no vídeo. O nosso trabalho não pode ficar somente aqui, ele precisa ser difundido”.



Figura 22 - Primeira reunião para discussão da proposta de realização do curta documentário
Fonte: Arquivo do autor

Por conta da limitação do tempo e por alguns deles trabalharem, decidimos que alguns encontros não seriam presenciais, mas que utilizaríamos as redes sociais para debate e reuniões. Um grupo no *whatsapp* foi dedicado ao projeto. Foi discutido qual seria o título do curta, mas, por unanimidade, foi decidido que seria definido apenas após a finalização do primeiro corte do vídeo.

2ª semana: alinhamento da pré-produção, relação dos equipamentos necessários, definição das funções de cada um na equipe, realização do cronograma e levantamento de produções correlatas.

Nesta fase, decidimos que utilizaríamos duas câmeras DSLR, uma de patrimônio do IFBA e a outra foi fornecida pela ex-aluna Roziley Muritiba. Utilizamos outros equipamentos da instituição também, como microfone direcional e softbox (para iluminação). Para as entrevistas, o ex-aluno Jefferson Ricceli forneceu o seu microfone lapela e definimos que, na ausência deste, utilizaríamos o fone de ouvido e o gravador do celular para captação de áudio. Os ex-alunos Jefferson e Denilson, que hoje possuem uma produtora de vídeo na cidade, montada após a conclusão do curso de Produção de Roteiro e Vídeo no IFBA, também disponibilizaram um drone para as filmagens aéreas do instituto.

Nas divisões das tarefas na equipe, pensamos em separar por área de aderência e identificação de cada aluno por livre vontade, separando pelas funções de produção, roteiro, câmeras, som e edição. A direção do curta ficou a cargo do responsável pelo projeto, com a colaboração de toda a equipe.

3ª semana: elaboração do pré-roteiro, criação da escaleta (a estrutura da história) e consolidação do roteiro.

A princípio, discutimos várias ideias de como seria a história que gostaríamos de contar no vídeo. Na reunião para discussão do pré-roteiro, realizamos um exercício para fixar alguns pontos importantes, como, por exemplo, definição da ideia, intenção do curta, principais personagens, tipos de abordagens e principais referências.

A elaboração de um roteiro de documentário segue um percurso diferente de uma ficção, pois grande parte das cenas não são previstas e ou criadas. Para Puccini (2012, p.127) “no documentário nem sempre o elemento mínimo usado para a estruturação do discurso do roteiro se assemelha a uma cena dramática”. Ele quer dizer justamente que as propostas de sequência de imagens não serão possivelmente encenadas. Não há, por exemplo, como escrever exatamente os diálogos de uma entrevista. Por isso, trabalhamos com uma estrutura de roteiro com a indicação de sequências estratégicas para o percurso narrativo.

Após o amadurecimento do objetivo alvo da mensagem que gostaríamos de passar através do curta, os membros responsáveis pelo roteiro esboçaram algumas ideias iniciais de como poderíamos estruturar o roteiro com início, meio e fim, conforme mostrado nas figuras 23 e 24.

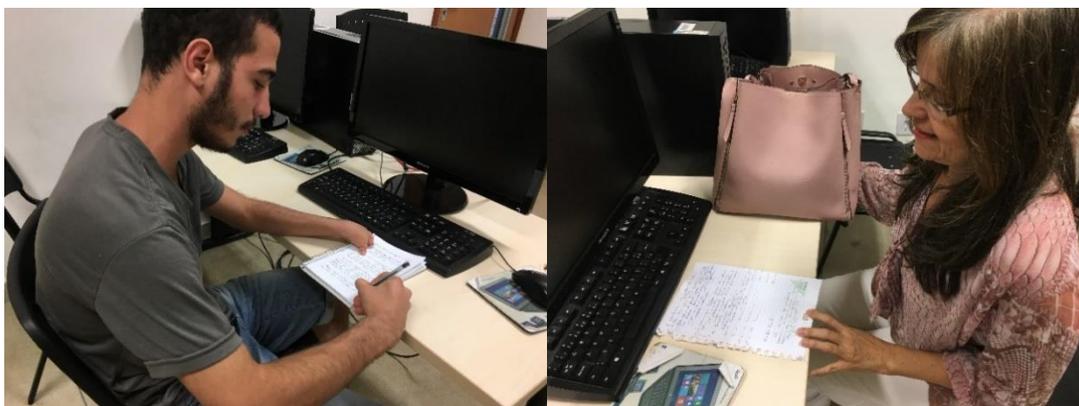


Figura 23 e Figura 24 - Os estudantes Vinícius e Elizabeth esboçando ideias para o roteiro
Fonte: Arquivo do autor

Com base nessa estrutura, dividimos a narrativa em três partes.

Apresentação: o surgimento do Tecendo Histórias e como nasceu a proposta do curso de Produção de Roteiro e Vídeo;

Desenvolvimento: entrevistas com um representante das quatro turmas do curso de Produção de Roteiro e Vídeo, intercalado com entrevistas com professores e coordenadores do projeto. Cada entrevistado seria responsável para falar dos seguintes eixos: a importância do vídeo para contar a própria história; a relação do vídeo com o fortalecimento das raízes com vínculos culturais e de convívios sociais; o vídeo como janela para exibição de memórias; o vídeo com exibição no IFBA para trazer a comunidade; o IFBA até a comunidade para mostrar os vídeos;

Conclusão: exibição dos vídeos da quarta turma na praça, com depoimento de um dos diretores do filme.

Foi utilizada a ferramenta colaborativa do Google Docs para realização do roteiro, cuja equipe responsável por esta área (2 ex-alunos e um professor) poderia modificar e ou inserir elementos no documento com a visualização de todos. Inicialmente, acreditamos que seria um grande desafio escrever dessa maneira, uma vez que o processo de escrita de um roteiro muitas vezes é visto como um trabalho solitário. Contudo, a experiência foi satisfatória a partir do

momento que os membros entenderam a importância de valorizar pontos de vistas distintos alinhados ao mesmo contexto. Nesse caso, foi fundamental o diálogo entre a equipe, a partir de um grupo específico para o roteiro do documentário, criado no *whatsapp*, onde qualquer mudança era discutida antes de alterar o *script*. O roteiro foi finalizado a partir do terceiro tratamento.

4ª semana: análise técnica do roteiro: listar todos os itens encontrados ou sugeridos no roteiro, como personagens, figurinos, objetos de cena, maquiagem e informações acerca da iluminação, fotografia, som, cenografia e maquinaria.

Nessa fase, elaboramos o roteiro técnico, realizando a decupagem, que é a definição dos tipos de plano nas cenas criadas. Doc Comparato (2009, p.30) apresenta o roteiro literário, que realizamos na fase anterior, como “aquele que contém todos os pormenores necessários para a descrição da cena, a ação dramática e os diálogos” e diferencia do roteiro técnico como “questões de planificação técnica, tais como movimentos de câmera, iluminação, pormenores de som etc”.

5ª semana: gravação de cenas que não exigem áudio. Nesta fase, foram gravadas cenas de preenchimento, com imagens de alguns locais de Santo Antônio de Jesus, como praça, feira, ruas, e também imagens externas e internas do IFBA.



Figura 25 - Os ex-alunos Jefferson e Denilson gravando imagens do IFBA com o drone
Fonte: Arquivo do autor

6ª semana: gravação de cenas com áudio, como entrevistas.

Este processo foi de muito aprendizado para todos os integrantes que participaram dessa fase, pois foi um momento de reencontrar antigos colegas e ouvir as suas histórias. Mais do que um processo técnico de trabalhar com os equipamentos de gravação, captar uma entrevista exige muita organização e disciplina, pois deve-se deixar o entrevistado à vontade para que ele sinta que não está sendo apenas um objeto de pesquisa, mas também um interlocutor importante e essencial ao trabalho, por menor que seja a sua participação.

Grande parte das entrevistas foram realizadas dentro do IFBA, em diferentes pontos do instituto, como entrada, hall, quiosque e salas. A ideia era aproximar o conteúdo mostrado aos diferentes ambientes onde eles acontecem para criar uma identificação do entrevistado com a instituição.



Figura 26 e Figura 27 - Gravação de entrevista no quiosque e no Hall do IFBA
Fonte: Arquivo do Autor

Utilizamos duas câmeras fixas no tripé seguindo as orientações de Puccini (2012) quanto ao tipo de enquadramento, deixando uma câmera à composição de um plano médio e a segunda câmera com um primeiro plano e ou close-up. Na Figura 27, a câmera à direita representa o enquadramento do primeiro plano e a câmera à esquerda o enquadramento no plano médio. Segundo esse autor, não há necessidade de gravar planos mais gerais, pois a atenção deve ser o entrevistado e não o local, por isso ele precisa ocupar um maior espaço no quadro.

Essa fase demandou mais tempo que o previsto, porque alguns entrevistados que não estavam no escopo do roteiro foram inseridos por sugestão de alguns membros da equipe, como, por exemplo, a entrevista com o babalorixá Nilton de Ossain (Figura 28). A necessidade de entrevistá-lo partiu do depoimento da entrevista com o aluno que dirigiu o curta “Tambores de SAJ”, que retrata o candomblé em Santo Antônio de Jesus. Vimos a necessidade de mostrar a opinião de quem participou do curta dele para enriquecer a proposta narrativa.



Figura 28 - Gravação de entrevista com o babalorixá Nilton de Ossain num terreiro de Santo Antônio de Jesus

Fonte: Arquivo do Autor

Algumas alterações no roteiro no processo de gravação de um documentário são comuns, pois muitas vezes é na prática que se sente a necessidade de mudar e ou acrescentar algumas informações, uma vez que é impossível prever o que será relatado pelos entrevistados. Entendemos que na proposta de um documentário o roteiro é um guia importante para dar organização ao trabalho, mas ele não pode roteirizar este processo, ou seja, torná-lo mecânico. Diferente de um roteiro de ficção, em que as falas dos personagens são elaboradas pelos roteiristas, no documentário elas não são previsíveis, são geradas pelos próprios personagens e ganham sentido à medida que entrelaçamos com as outras entrevistas.

Foi essencial durante as gravações o diálogo com os membros responsáveis por essa área, pois algumas entrevistas tiveram que ser remarçadas de última hora por diferentes fatores, como mudança de agenda do entrevistado, mudança brusca de clima numa gravação externa e compromisso inadiável de algum integrante. No entanto, a boa comunicação entre a equipe foi fundamental para evitar possíveis desentendimentos e foi importante, também, reservar no cronograma alguns dias a mais para possíveis imprevistos.



Figura 29 - Parte da equipe responsável pelas gravações reunida
Fonte: Arquivo do Autor

7ª semana: análise do material gravado e criação do roteiro de pós-produção e montagem (edição);

Essa é uma fase de organização de todas as gravações realizadas nos cartões de memória. Catalogamos todas as entrevistas dentro de pastas e subpastas no computador, nomeando por data, nome dos entrevistados e conteúdo das imagens de inserção. O áudio gravado a parte no gravador também é descarregado e organizado no computador.

Feito isso, passamos por um processo trabalhoso de assistir todo o material para demarcar, através de uma planilha, todas as falas em potencial para serem utilizadas posteriormente. Em seguida, criamos um roteiro de montagem para nos orientar descrevendo a sequência de cada entrevista, as inserções em vídeo, fotos e imagens de arquivo em cada uma. Ou seja, nesta etapa já conseguimos visualizar, mesmo que ainda no papel, o filme que pretendemos mostrar.

Tivemos um leve contratempo nas primeiras imagens, pois nas entrevistas rápidas que realizamos com alguns moradores da cidade na Praça, que inicialmente entrariam na abertura do vídeo, o áudio que captamos no microfone direcional ficou muito baixo e não conseguimos aumentar utilizando alguns softwares sem perder a qualidade. Em reunião com os membros da equipe de edição, resolvemos não utilizar essas imagens e criar uma outra ideia de abertura, utilizando o efeito do *time lapse*, que aumenta a velocidade da imagem, aplicando-o em diversos trechos dos curtas realizados pelos alunos.

8ª semana: finalização do vídeo, montagem final.

Essa última etapa, sem dúvida, foi uma das mais difíceis pela quantidade de detalhes que não poderiam passar despercebidos. Utilizamos o laboratório de informática do IFBA para editar, gastando entre 4 a 8h horas por dia no processo de edição.

A primeira tarefa foi sincronizar todos os áudios com os vídeos gravados, em seguida analisar as imagens gravadas com as duas câmeras, pois utilizamos uma para uma imagem com plano mais aberto e a outra para um plano mais fechado, médio. Como as câmeras possuíam configurações e lentes diferentes, algumas imagens tiveram diferença na fotografia e tivemos que descartar, em

alguns momentos, a opção de trocar de câmera na edição. Mesmo assim, conseguimos utilizar em algumas entrevistas para dar dinamismo ao vídeo.



Figura 30 e Figura 31 - Os ex-alunos Jorge, Vagner e Leonardo editando o curta
Fonte: Arquivo do Autor

Após todas as sequências da montagem pronta, convidamos todos os membros do projeto para assistir, avaliar e dar opiniões. Recebemos contribuição também da orientadora do projeto, Josemeire Dias, da direção geral do IFBA, Edna Matos, e de dois integrantes do NAVI - Núcleo de Áudio, Vídeo e Imagem da reitoria do IFBA, France Arnaut e Leomir Costa (que também é do grupo de pesquisa do K-LAB). Também convidamos algumas pessoas de fora para analisar sem o olhar de quem está influenciado pela história do filme. Com essas contribuições, realizamos alguns ajustes narrativos e “remontamos” o curta.

Mais uma vez convidamos os membros para assistir e avaliar o resultado e fizemos novamente alguns ajustes. A parte gráfica, como a elaboração dos GC’s (legenda que aparece embaixo da tela identificando os entrevistados e apresentando informações) foram realizadas com a colaboração do professor de design France Arnaut.

Na etapa final, trabalhamos com a trilha sonora utilizada na abertura, como fundo nas entrevistas e nas transições entre algumas sequências. Por indicação de um dos membros da equipe, Leonardo Almeida, utilizamos apenas trilhas sonoras com direito livres, para evitar problemas na hora da divulgação do filme no Youtube e demais plataformas de *streaming*. Grande parte das trilhas foram instrumentais, disponíveis gratuitamente no sítio freesound.org.

A última e difícil decisão foi escolha do título do curta. Pensamos em algo que pudesse reunir as principais palavras-chaves, como identidade,

documentário e histórias. A ex-aluna e uma das roteiristas do curta, Elizabete Sampaio, sugeriu o título IdentDOC. Todos os membros aprovaram, mas achamos que deveríamos inserir um subtítulo. Foram colocadas em votação os subtítulos “tecendo nossas histórias”, “contando histórias junto com a escola” e “contando e recontando histórias”. Por unanimidade, venceu o primeiro e o título, enfim, ficou “IdentDOC: tecendo nossas histórias”⁸.



Figura 32 - Logo do IdentDoc: tecendo nossas histórias
Fonte: Arquivo do autor

A logomarca do curta (Figura 32) foi produzida por Jean Neri, que foi aluno da primeira turma e que hoje é um dos monitores na área de edição de vídeo no curso. Para ele, a logo representa as pessoas contando suas histórias através de um balão com múltiplos recortes e cores, tem o foco da câmera nas laterais e a digital dentro do balão expressa a identidade de cada pessoa ou história entrelaçada.

Todas as etapas para construção do curta tiveram importância em vários aspectos. Os ex-alunos envolvidos se aproximaram novamente do instituto, trabalharam em equipe e reforçaram a aprendizagem do processo de construção de um vídeo. Além disso, o trabalho de pesquisa foi muito relevante porque grande parte dos entrevistados eram os próprios estudantes e membros do projeto.

Ademais, apesar de algumas dificuldades encontradas, como agenda de entrevistados, carência de alguns equipamentos e compatibilidade de horário de alguns integrantes, o saldo final foi de êxito porque todos entenderam que o

⁸ IdentDoc:tecendo nossas histórias. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Sm2_I-AFzdA&t=4s>. Acesso em: 12 Jan. 2019

objetivo principal não era o resultado final, o vídeo pelo vídeo, e sim todo o processo de pesquisa, de colaboração e de aprendizagem. Foi muito importante o consenso de ideias, dando o direito aos participantes de pensarem e discutirem sugestões, conforme orientações de Brandão (1999), tornando o grupo responsável por possíveis problemas e atuantes na busca de soluções.

8. Considerações Finais

Este trabalho buscou apresentar a relevância de se aproximar o espaço escolar, os estudantes e a comunidade de Santo Antônio de Jesus como forma de interagir e contribuir para o desenvolvimento educacional e social dos sujeitos participantes. O fortalecimento dessa relação através da Educação e da Comunicação, partindo dos estudos da educação para mídia, princípio norteador da educomunicação, aponta ser um caminho interessante a ser percorrido.

Através desse elo, é fundamental discutir a valorização do aluno como sujeito crítico, autoral e transformador. Nesse sentido, esta pesquisa fomenta um elo promissor para a difusão do trabalho colaborativo. O processo audiovisual contempla especificidades próprias, que se compõem desde o desenvolvimento da ideia até a pós-produção, tornando-se necessário discernir o campo próprio da produção do conhecimento de cada sujeito, ao mesmo tempo que todos devem estar envolvidos em cada etapa do processo.

Além disso, através do vídeo, sobretudo com a fundamentação do gênero documentário, é possível expressar temas que envolvem a representação da realidade e da identidade local, nas quais muitas vezes não são apresentadas e ou são mostradas de forma equivocada pelos grandes veículos de comunicação. Apropriar-se do uso da produção de documentário na educação, então, possibilita para educandos e educadores uma forma de não serem apenas consumidores de conteúdo. Eles podem construir o vídeo para mostrar, divulgar e promover discussões sobre o meio o qual eles fazem parte.

Por meio das experiências já vivenciadas com o projeto “Tecendo Histórias”, no IFBA, com o recorte no curso de extensão em “Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem”, já foram realizadas produções de curta-documentário que abordaram diversos temas em Santo Antônio de Jesus, como: a cultura hip hop e o grafite, as casas de farinha, a feira livre, a linha férrea, o êxodo urbano, a capoeira e o candomblé. A partir desses trabalhos, observou-se a potencialidade do audiovisual como ferramenta de grande repercussão na cidade para discutir e difundir o olhar dos próprios alunos pesquisadores sobre as identidades do município.

A medida que os alunos pesquisam, conhecem e entrevistam pessoas e trabalham de forma coletiva para a produção destes documentários, que contam

a história, muitas vezes, do próprio bairro, da própria família, notamos que eles passam a reconhecer mais os seus espaços. Eles exibem os vídeos para seus familiares, amigos, comunidade e, independente da escolaridade de cada um, conseguem entender a mensagem proposta. Com isso, potencializam a ideia de mostrar as histórias da cidade para todos, que passam a ser conhecidas, questionadas e valorizadas.

Dessa forma, como produto dessa pesquisa, apresentamos a construção do “IdentDoc: tecendo nossas histórias”, um curta documentário realizado de forma colaborativa, que buscou sintetizar as experiências e vivências com ex-alunos, professores, coordenadores, colaboradores e demais participantes do projeto Tecendo Histórias, em específico na área de audiovisual, através de depoimentos, trechos dos trabalhos realizados e outros recursos narrativos que o gênero documental oferece, a fim de que outros ambientes escolares possam se interessar em replicar de alguma maneira a metodologia utilizada no processo deste curso e apresentada neste trabalho.

Pretendemos que o “IdentDoc: tecendo nossas histórias” seja visto por um grande número de pessoas, especialmente educadores e gestores escolares, para isso ele já está pronto para ser acessado através da web, por meio de um canal no Youtube, e também, como ação futura, será disponibilizado mídias físicas nos principais colégios públicos da região. Além disso, iremos incluí-lo no catálogo de filmes do Cine Clube do IFBA e exibi-lo em escolas e universidades. Ele também estará disponível nos acervos dos grupos K-LAB, Rede PUB e A rádio da Escola na Escola da Rádio, componentes do GEOTEC, na Universidade do Estado da Bahia.

Entendemos essa proposta no grupo de pesquisa do K-LAB, onde hoje possui um eixo dedicado ao audiovisual com outros pesquisadores desta área, que já fomentam trabalhos similares com oficinas de áudio e vídeo em colégios públicos de Salvador. Esse apoio do grupo foi essencial e estimulante para que novos pesquisadores se interessassem pelo ramo no grupo.

Por conta da boa aceitação dos cursos na área de audiovisual e para fortalecer este setor na região do Recôncavo, como ações futuras pretendemos ofertar em breve um curso técnico na área de áudio e vídeo no IFBA, campus de Santo Antônio de Jesus, que possibilitará, por conta de uma carga horária maior, o desenvolvimento de não apenas curtas, mas também de mídias e longas

metragens. O nosso sonho é que as histórias da nossa região, através dos diferentes formatos e duração de um vídeo, possam ser conhecidas pelo mundo inteiro!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. É dia de feira! **Revista Tecendo Histórias**. Santo Antônio de Jesus, ISSN 2447 - 939X. Turma “Memórias de Santo Antônio de Jesus” 2015. Ano I, Número 1, Santo Antônio de Jesus, Bahia.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, M. F. **Não é o olho que vê**: uma experiência audiovisual de produção de conhecimento através da realização colaborativa de curtas metragens ficcionais. Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre. Salvador, 2016.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRITTO, C.O. **A Comunidade Escolar e a Produção de Narrativas Audiovisuais**: análise, uso, criação e produção em Oficinas Formativas. Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre. Salvador, 2017.

COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. São Paulo : Summus, 2009.

CGI. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cgi.br/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FRANÇA, V.R. V. **Paradigmas da comunicação**: conhecer o quê? IN: Estratégias e culturas da comunicação. 1ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A máquina está a serviço de quem?** Revista Bits: São Paulo, 1984.

_____, **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPE, B. **Making documentary films and reality videos**. New York: Henry Holt and Company, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MOLETTA, A. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. **Desafios na Comunicação Pessoal**, São Paulo: Paulinas, 3ª Ed. 2007.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

PRADO, L.F.S. **Cinema como proposta educativa**. Disponível em: <<http://doczz.com.br/doc/463870/cinema-como-proposta-educativa>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

PIRES, E. G. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010.

PPI. **Projeto Pedagógico Institucional do IFBA**. Bahia, 2013. Disponível em: <<http://portal.ifba.edu.br/proen/PPIIFBA.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2018.

PUCCINI, S. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ROSENTHAL, A. **Writing, directing, and producing documentary films and videos**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1996.

SOARES, I.O. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Educomunicação: um campo de mediações**. Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.

_____. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

_____. **Comunicação/Educação**: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação: Brasília, v. 1, n. 2, 1999.

SETTON, M. G. J. **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume/USP, 2004.

SOUZA, M. "Hibridismo e tradução cultural em Bhabha". In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

TORNERO, J.M.P. **El desafío educativo de la television**. Disponível em<<http://www.anped.org.br>>. Acesso em 20 jan.2018.

TV ESCOLA. **Oficina de Produção de Vídeos**. Disponível em:<<http://zikazero.mec.gov.br/arquivos/anexo2.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Escaleta do Roteiro

FADE IN

ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO

SEQUÊNCIA 1: SALA DA DIREÇÃO GERAL DO IFBA - INT – DIA

Imagens da entrada do IFBA SAJ e do interior do instituto. Alunos andando nos corredores. Entrevista com a diretora geral, Edna Matos. Ela vai falar do Tecendo Histórias:

- Como surgiu a ideia do Tecendo Histórias e do curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta Metragem?
(*INSERT DA REVISTA TECENDO HISTÓRIAS*)

SEQUÊNCIA 2: HALL DE ENTRADA DO IFBA - INT – DIA

Entrevista com os professores Pedro, Andrea e Márcio.

- Qual a importância do Tecendo Histórias para contar histórias sobre a cidade de Santo Antônio de Jesus para o fortalecimento da identidade local?

SEQUÊNCIA 3: Em frente ao IFBA - EXT – DIA

Entrevista com Val, aluno da primeira turma do curso de vídeo, diretor do filme “Artivismo e Resistência”. Ele deve dizer que foi da primeira turma.

- Como foi produzir o curta “Artivismo e Resistência”? Ele fala sobre o quê?
(*INSERT DO CURTA “ARTIVISMO E RESISTÊNCIA”*)
- Como você enxergou a participação de outros integrantes da equipe no tema?
- O que mudou na cultura hip hop e do grafite na cidade após a divulgação do curta?

SEQUÊNCIA 4: Quiosque do IFBA - EXT – DIA

Entrevista com Maíra, Leonardo, Vagner e Víncius. Eles irão falar sobre identidade em relação aos municípios vizinhos a SAJ. Um dos alunos deve dizer que foi da segunda turma.

(*INSERTs do curtas “Passageiros”, “Retorno à Simplicidade” e “Nossa Farinha”*)

- Qual foi a ideia e a intenção do curta de vocês?
- Qual a importância de mostrar regiões vizinhas a Santo Antônio para a valorização da identidade local?
- A sua relação de pertencimento à cidade foi fortalecida após a realização do curta?

SEQUÊNCIA 5: Auditório do IFBA - INT – DIA

Entrevista com Roque Matta. Ele deve dizer que foi aluno da terceira turma.

- Como foi produzir o curta “Tambores de SAJ - identidades do candomblé?”

(INSERT do curta “Tambores de SAJ”)

- Qual foi a importância de trazer a comunidade e os personagens dos filmes para o IFBA no dia da exibição para o público?

(INSERT DE FOTOS DO DIA DA CERTIFICAÇÃO, MOSTRANDO MEMBROS DO CANDOMBLÉ NO AUDITÓRIO DO IFBA NO DIA DA CERTIFICAÇÃO”

(INSERT DA ENTREVISTA COM NITINHO, MEMBRO DO CANDOMBLÉ, FALANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE MOSTRAR OUTRAS IDENTIDADES RELIGIOSAS NAS UNIVERSIDADES/INSTITUIÇÕES)

SEQUÊNCIA 6: PRAÇA PADRE MATEUS - EXT – NOITE

Exibição dos filmes da quarta turma de Roteiro e Vídeo na Praça Padre Mateus.

Entrevista com Roziley Muritiba, aluna da quarta turma.

- O Que você achou dos documentários exibidos?
- Qual a importância de trazer os filmes produzidos pelos anos para a comunidade, neste caso a praça?

(DEFINIR CENA FINAL)

ÁUDIO: voz off de Girlene Andrade “Muitas pessoas acham que a história só pode ser contada por grandes historiadores. Isso é um grande engano! A história pode ser contada por mim, por você, ou qualquer pessoa que viveu experiências”

FADE OUT

FIM

APÊNDICE B – Roteiro Final

IDENTDOC: TECENDO NOSSAS HISTÓRIAS

Grupo: Elizabete Sampaio, Pedro Arthur Nascimento e Vinícius Rodrigues

Sinopse: Este documentário metalinguístico tem como principal objetivo mostrar como o audiovisual, através da produção de documentários, pode fortalecer na relação de identidade com o espaço onde eles são produzidos. Através dos relatos da direção, coordenadores, professores e ex-alunos do projeto Tecendo Histórias, do IFBA, mostramos a importância da valorização das histórias e memórias de Santo Antônio de Jesus para a relação de pertencimento entre a escola, os professores, os alunos e a comunidade.

OBS.: Quando mencionamos PA, PM, PP, PG, respectivamente, nos referimos à: Plano aberto, Plano Médio, Primeiro Plano, Plano Geral.

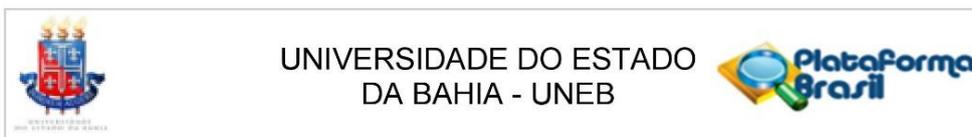
VÍDEO	ÁUDIO
<p>Tela em <i>Black</i></p> <p><i>FADE IN</i></p> <p>Já imaginou o que podemos construir com uma lembrança?</p> <p><i>Time Lapse</i> de trechos dos curtas documentários produzidos pelos alunos do curso de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem</p> <p>Pode ser uma grande história que podemos chamar de filme imaginário.</p>	<p>Trilha suave</p>

<p>(PG) Imagem do IFBA SAJ</p> <p>(PM) Entrevista com Edna Matos, diretora geral do campus Santo Antônio de Jesus Histórias</p> <p>(PM) Entrevista com Andrea Barreto, coordenadora do Tecendo Histórias</p> <p>(PM) Entrevista com Edna Matos, diretora geral do campus Santo Antônio de Jesus Histórias CONTINUAÇÃO</p>	<p>Sonora com Edna Matos</p> <p>O IFBA ele chegou aqui em Santo Antônio de Jesus e a gente percebeu que as pessoas não conheciam a instituição. Nós estávamos em fase de construção do prédio e circulando pela comunidade conhecendo as pessoas e vimos que apesar de toda a movimentação tinha sido feita para que o campus do instituto viesse pra cá, na verdade, a comunidade não conhecia.</p> <p>Sonora com Andrea Barreto</p> <p>O IFBA de Santo Antônio de Jesus neste momento de implantação ele tem um papel crucial não apenas de trazer um pacote pronto e oferecer cursos, mas acima de tudo precisa conhecer esse contexto onde está inserido, porque a partir do momento em que dialoga com as pessoas, que pode conhecer e ao mesmo tempo ajudar a contar essa história de Santo Antônio, eu tenho certeza que o IFBA ele se instala de uma maneira muito mais profunda, com uma relação de identidade.</p> <p>Sonora 2 com Edna Matos</p> <p>Então nós pensamos num projeto que a gente pudesse se aproximar, que a gente trouxesse alunos, mas que a gente trouxesse à comunidade junto. Foi assim que a gente pensou no Tecendo Histórias, que tinha o objetivo de fazer com que a comunidade de Santo Antônio de Jesus nos conhecesse e que a gente conhecesse a comunidade de Santo Antônio. Começamos com o curso de produção textual, que tinha como resultado uma revista, que na primeira edição contou as memórias de Santo Antônio de Jesus. E na segunda edição desse projeto, nos demos continuidade a esse projeto, surgiu a ideia do curso de Produção de Roteiro e vídeo para Curta-metragem, que teria como resultado final documentários.</p> <p>Então a partir daí o projeto passou a apresentar uma nova linguagem, que era a linguagem do audiovisual e não apenas do texto.</p>
<p>(PP, PA e PM) do entrevistado Ezival Souza, aluno da primeira turma do curso de Produção de Roteiro e Vídeo</p>	<p>Sonora com Ezival</p> <p>Sou produtor cultural e a gente já vinha sentindo essa necessidade de registrar o que eu estava</p>

<p>(PM) e (PP) do entrevistado Pedro Nascimento, coordenador do curso de Produção de Roteiro e Vídeo</p>	<p>fazendo, que eram movimentações na rua. A gente faz muita atividade comunitária a partir do hip hop principalmente e a gente já estava nessa busca de registrar isso e aí eu tive a oportunidade de fazer parte da primeira turma do curso de roteiro e edição de vídeo que foi onde eu tive mais conhecimento técnico para poder colocar isso de forma organizada e dá um sentido realmente. Foi muito interessante tanto a parte da construção, que me permitiu conhecer uma história do hip hop da cidade que eu não conhecia, por não ter precisado buscar essa história, então foi interessante nesse sentido e também em trabalhar em equipe, ver as dificuldades que eram, a gente tinha pessoas de diferentes áreas no grupo, diferentes idades também e isso influenciou no processo. Foi um desafio, mas foi prazeroso muito construtivo também. Foi uma experiência muito boa para todo mundo que estava participando na época.</p> <p>Uma coisa que me emociona bastante é que cada vez que montamos uma turma nunca é igual. As temáticas são diferentes e o olhar de cada aluno é diferente. Cada aluno tem um olhar diferente, um olhar sensível, então a proporcionar isso tem uma significância muito grande porque estamos proporcionando que através do audiovisual seja um elemento modificador. Através dessa linguagem o aluno possa mostrar a visão que ele tem do mundo, que não é a visão que o professor ensina, não é a visão que o instituto ensina. É a visão que ele tem e tem que ser valorizada e tem que ser difundida. A gente ensina técnicas, a gente ensina alguns direcionamentos, as nossas experiências, mas é o aluno que mostra a visão dele, que tem que ser valorizada e tem que ser difundida. Isso é primordial e muito importante.</p>
<p>(PM) da entrevistada Máira Góis, aluna da segunda turma do curso de Produção de Roteiro e Vídeo</p>	<p>Sonora com Máira Góis</p> <p>Foi muito assim o que a gente vai fazer, o que é que é... a gente teve a ideia de fazer sobre o êxodo urbano, que é justamente as pessoas saírem das cidades grandes e irem para as cidades menores, para os interiores. A gente teve a ideia de saber como era essa trajetória, que por coincidência eu fiz esse êxodo, vindo de São Paulo para uma cidade do interior. Foi uma forma de eu me encontrar com o pessoal de Santo Antônio de Jesus, que não era até então a minha cidade, e vir a conhecer mais as pessoas através desse curso que eu me entrosei, que eu conheci mais pessoas,</p>

<p>(PM) do entrevistado Leonardo Almeida, estudante do curso de Roteiro e Vídeo</p>	<p>vamos gravar. Existe todo um trabalho de pesquisa, que exige orientação. E quando você pesquisa, que você vai a fundo, aquela identidade, aquela cultura, começa a pertencer dentro de você porque você está indo a fundo dentro disso. Isso é o bacana porque assim o audiovisual não é só exibição, aquilo ali é o produto final. Existe todo o trabalho interno muito mais denso e muito mais significativo, que é o trabalho de pesquisa, de leitura, de conversar com pessoas. A gente vai conhecendo muita gente, vai se aproximando e dentro disso a gente vai construindo o documentário, não tem como você não pertencer a um lugar depois de um documentário.</p>
<p>(PM) da entrevistada Roziley Muritiba, aluna da quarta turma do curso de Roteiro e Vídeo</p>	<p>Sonora com Roziley Muritiba</p> <p>Realização, minha palavra é isso, realização. A gente cumpriu com nossos objetivos. Sonho construído, sonho mostrado, e bem aceito que é o mais emocionante, é o mais legal. Vocês viram na apresentação da praça minha mãe foi assistir hoje você vê uma mulher de 86 anos assistindo um filme e você vê se emocionando...quando ela viu o curta dos meninos do oleiro, ela disse: minha filha eu me lembrei da feira de caxixis que o levava vocês pequenininhas, ou seja, há 50 anos. Cinema traz recordações, cinema aflora emoções que a gente vai poder assistir no futuro e que a gente sabe que os meus netos vão poder assistir e dizer foi minha avó que produziu, minha vó estava nele. Rapaz isso não tem paga!</p>
<p>Sobe os créditos</p> <p>Fade out</p> <p>FIM</p>	

ANEXO – Parecer de aprovação do comitê de ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS ATRAVÉS DOS CURSOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO IFBA EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA

Pesquisador: PEDRO ARTHUR DE MELO NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87392518.4.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.725.035

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa vinculada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO – GESTEC, Área de concentração: Processos Tecnológicos e Redes Sociais. O projeto faz parte do grupo de pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC. Os pressupostos metodológicos desse estudo fundamentam-se na Pesquisa Qualitativa, com base na Pesquisa Participante, pretende-se entrevistar as pessoas envolvidas no processo do curso de Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem, alunos, professores, monitores e demais participantes.

Hipóteses e questionamento

- O resgate de histórias poderia potencializar a valorização de identidades e a autonomia dos estudantes no processo de compreensão e interpretação do espaço.
- A amplitude que as produções audiovisuais têm alcançado nos cursos de extensão do IFBA e como elas têm repercutido na comunidade, solidifica a proposta extensionista do Instituto Federal da Bahia.
- Questionamento: Como o curso na área de audiovisual do IFBA contribuiu para interagir e

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.725.035

conhecer a
comunidade de Santo Antônio de Jesus?"

Objetivo da Pesquisa:

Documentar como a produção audiovisual dos alunos dos cursos de extensão do IFBA em Santo Antônio de Jesus fortaleceu na relação identitária com essa cidade, como forma de estimular o uso e a produção audiovisual em outros ambientes escolares.

Objetivo Secundário:

- a) Argumentar sobre educação e a importância da produção audiovisual na educação como valorização das identidades;
- b) Discorrer sobre o que é documentário, bem como as especificidades da sua produção;
- c) Produzir um curta documentário com os alunos, ex-alunos e sujeitos envolvidos no curso de extensão "Produção de Roteiro e Vídeo para Curta-Metragem", mostrando as suas experiências no projeto e como elas possibilitaram a relação de identidade com Santo Antônio de Jesus;
- d) Relatar o processo de construção do curta documentário produzido mostrando o processo de criação desde a concepção do roteiro até a pós-produção.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante, trazendo uma perspectiva de ação nas outras áreas inerentes a vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente. Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade do desconforto/constrangimento/exposição, tendo em vista que esta pesquisa pretende realizar entrevista com professores.

Considerando as informações disponíveis no protocolo de pesquisa, fica evidente que o pesquisador tem ciência dos riscos e suas formas de minimização, conforme descrito nos modelos dos TCLES. A forma de minimizar macula o princípio da autonomia, pois o participante tem o direito de desistir a qualquer etapa e momento da pesquisa, essa é a forma de minimização dentro

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.725.035

dos princípios éticos.

Benefícios:

Segundo a normativa o benéfico de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade.

Comentário: O pesquisador informa dentro da eticidade proporcionando os benefícios diretos e indiretos aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo de propor a dignidade humana.

Critério de inclusão e exclusão: Foram informados e cumprem a eticidade

O orçamento: Não apresentado.

O cronograma: Não apresentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: em conformidade

2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;

3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade;

4 – A autorização da instituição coparticipante: em conformidade.

5 - Folha de rosto: em conformidade;

6 – Modelos dos TCLEs/Assentimento: em conformidade.

7 - Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: em conformidade.

8 – Termo de concessão: não apresentado.

9 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: não apresentado.

Os modelos para adaptação à realidade da pesquisa e outras orientações para construção do protocolo de pesquisa, estão disponível em www.uneb.br/comitedeetica.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.725.035

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1088568.pdf	08/06/2018 16:02:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JOVENS2018_atualizado.doc	08/06/2018 15:58:39	PEDRO ARTHUR DE MELO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Modelo_autorizacaoimagem.doc	11/04/2018 13:18:12	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito
Outros	termo_concordancia.pdf	11/04/2018 13:16:54	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito
Outros	termo_confidencialidade.pdf	11/04/2018 13:16:35	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito
Outros	termo_autorizacao_institucional_coparticipante.pdf	11/04/2018 13:14:58	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito
Outros	termo_autorizacao_institucional_proposente.pdf	11/04/2018 13:14:41	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.725.035

Outros	termo_compromisso_pedro.pdf	11/04/2018 13:12:36	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PedroArthur.docx	06/04/2018 11:24:00	PEDRO ARTHUR DE MELO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_Pedro.pdf	06/04/2018 11:18:04	PEDRO ARTHUR DE MELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 20 de Junho de 2018

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br